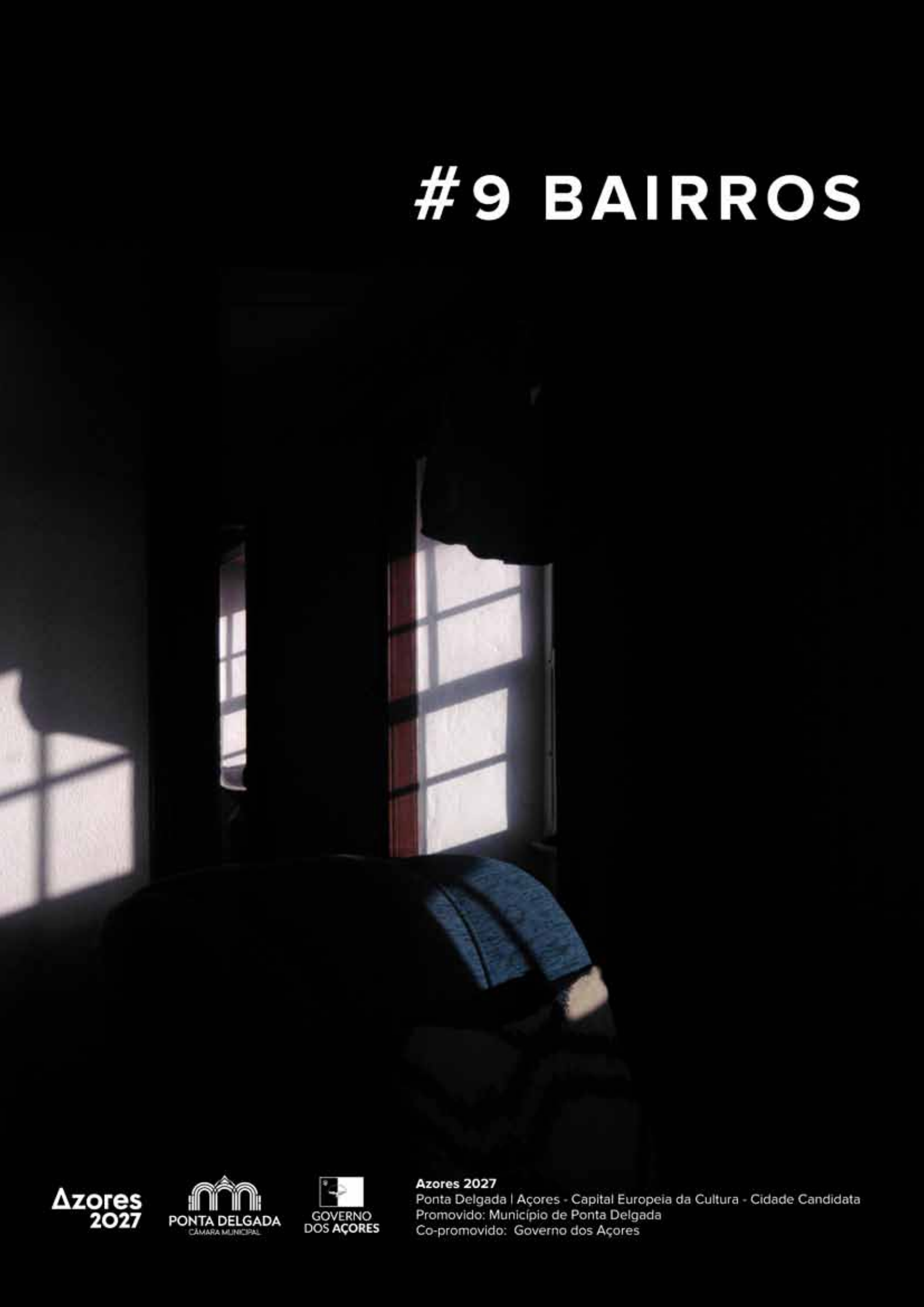
#9 BAIRROS



Azores 2027

PONTA DELGADA
CÂMARA MUNICIPAL

GOVERNO
DOS AÇORES

Azores 2027
Ponta Delgada | Açores - Capital Europeia da Cultura - Cidade Candidata
Promovido: Município de Ponta Delgada
Co-promovido: Governo dos Açores

EDITORIAL

O PORQUÊ DOS 9 BAIRROS 1
Nuno Costa Santos

OS BAIRROS NO MUNDO DAS ILHAS 10
Margarida Sodré

DO EAST VILLAGE AO CORPO SANTO. 19
Sara Leal

CRÓNICA

COMO SE FAZ O AÇORES 2027? 3
António Pedro Lopes

CULTURA, NÃO, COM LICENÇA 12
Leonardo Sousa

UMBIGO MICAELENSE 21
Pedro Almeida Maia

PERMANECER AQUI É COMO UM REGRESSO . 26
Vânia Chagas

O CARTEIRO DE SÃO MATEUS 31
Álvaro Laborinho Lúcio

ESTOU BEM. CHEGUEI. 38
Diogo Ourique

IMPROPRIAMENTE 43
Helena Barros

O MAR QUE ME (EN)CANTA 48
Miguel Machete

A LIÇÃO GEOPOLÍTICA DO PETER'S 54
Tomé Ribeiro Gomes

ESPECIAL DA CASA

ESPECIAL DA MACARONÉSIA 7
António de Névada

DOS COMEDORES DE PÃO
NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA. 16
Carla Devesa Rodrigues

VAMOS DESOPILAR

ROTEIRO AFETIVO POR PONTA DELGADA . . . 5
Rachel Korman

UM ROTEIRO DO ARCO DA VELHA 14
Patrício Vieira

A BANHOS NO FAIAL 24
Carla Dâmaso

UM DIA NO PICO. 29
David Borges

O DRAGÃO ADORMECIDO: ITINERÁRIO 35
Maurício de Jesus

PEDRAS SOB OS PASSOS FUTUROS 39
Manuel Menezes de Sequeira

ROTEIRO NOTURNO NO CORVO. 45
Andreia Silva

DA MÓ AOS POMARES 50
Emilie Beffara

MARÉ DE SOL. 52
Roberto Moura

CADERNETA DE NUVENS

Catarina Arruda. 2
Ana Rita Furtado 4
João Albergaria 11
Diana Coelho 13
Pedro Silveira 23
Gustavo Fernandes 30
Pedro Cravo Fernandes 44
Paulo Martins 56

RABISCO

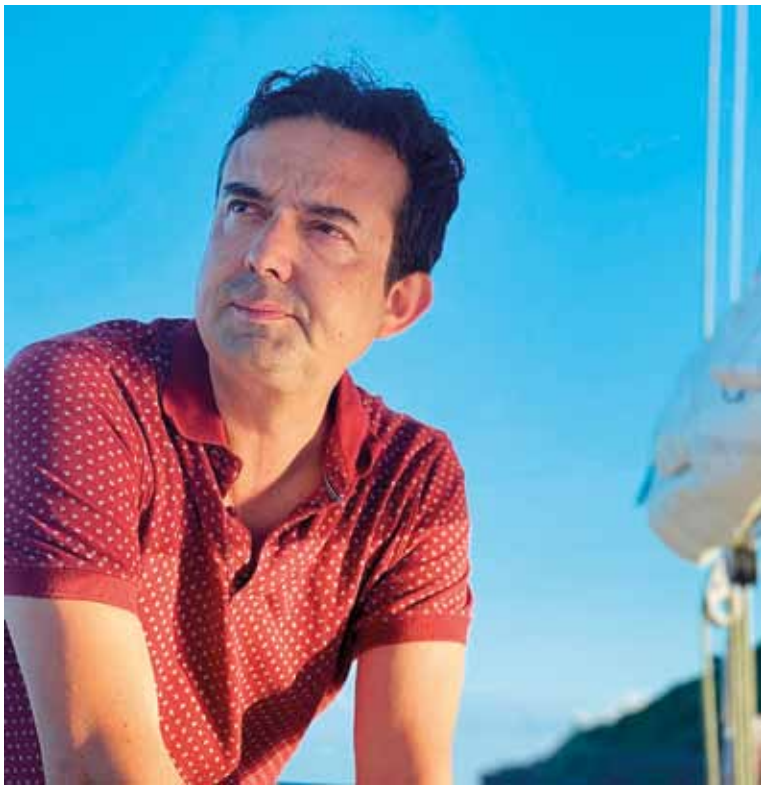
Pedro Lopes 9
Paulo Vieira 18
Bárbara Loução 25
João Decq 34
Bernardo Rodrigues 37
Sílvia Ávila 42
Paula Mota 47
Pedro Sousa 51
Phillipa Cardoso 57

FICHA TÉCNICA **PROPRIEDADE** Câmara Municipal de Ponta Delgada | **DIREÇÃO** Nuno Costa Santos | **EDIÇÃO** Margarida Sodré | **SUB-EDIÇÃO** Sara Leal | **FOTOGRAFIA DA CAPA** Vânia Chagas | **TIRAGEM** 250 exemplares | **IMPRESSÃO** Nova Gráfica | **DEPÓSITO LEGAL** 494141/22

O PORQUÊ DOS 9 BAIRROS

NUNO COSTA SANTOS
Coordenador de Participação do Azores 2027
– candidatura de Ponta Delgada | Açores a Capital Europeia da Cultura

Começo por me situar perante o leitor. Sou da freguesia do Livramento, Ilha de São Miguel, e vivo na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, Ilha Terceira. Habito o bairro do Corpo Santo, antigo sítio de pescadores e estivadores, lugar onde sobrevive um perfume de identidade e sentimento comunitários. Habito um bairro, sim, mas sabemos que os Açores não são "dos bairros". Temos bairros, mas somos identificados e identificamo-nos (mais) pelas freguesias onde crescemos ou moramos.
Perguntar-se-ão: por que é que esta publicação açoriana, que pretende contribuir para unir as nove ilhas, se chama 9 Bairros? Por que razão tem esse nome esta revista online de crónicas, microcontos, idiossincrasias, entrevistas, eventos em coretos, fotografias de colar na caderneta, receitas culinárias, música no walkman, sugestões para desopilar?
Por duas razões que chegam, óbvio, de uma analogia. Uma delas é o facto de cada bairro ser uma unidade, na qual há um sentimento de pertença, de entreajuda, de conversa, que precisa das outras. Que tem a sua individualidade mas só existe com outros bairros. Que é unindo os bairros que se pode chegar uma unidade maior. Que contemos estes nove bairros atlânticos com um sentido — humano, cultural, social, político — de conjunto. Porque nenhum bairro, visto de dentro mas também olhado de fora, por mais próprio e característico que seja, vive sem os outros. Sem uma relação de complementaridade com os outros. Os bairros açorianos, juntos, fazem parte da mesma povoação atlântica.



* Texto escrito de acordo com a antiga ortografia

Importante, cada vez mais, reforçar essa ideia e esse sentimento. E, já agora, uma rivalidadezinha não faz mal a ninguém.
Temos nove bairros, sim — cada um com as suas virtudes e os seus problemas. Com o seu modo de se apresentar, de viver tradições e mudanças. Mas com demasiadas rimas para serem considerados de distritos diferentes e contrastantes. Já o escrevi. Reforço. Cada ilha açoriana é um bairro extenso e privilegiado. Exemplo de como deviam ser os bairros urbanos: arborizado, com jardins, matas e lagoas, sempre a precisar do cuidado de toda a gente, entre autoridades, habitantes e visitantes. A segunda relaciona-se com uma ideia cada vez mais falada no espaço público açoriano: o bairrismo. O termo usado para definir as disputas entre as ilhas açorianas é bairrismo. Ora, se há bairrismo, há bairros. Figurativamente, pois. Por isso, de modo assumido e provocatório, percorremos o chão livre e elástico da metáfora e da comparação.

Três tópicos do menu, reveladores do espírito da casa. Este arranque conta com um roteiro nocturno do Corvo, duas receitas da sopa do Espírito Santo e o texto de apresentação de um artista que voltou aos Açores inspirado pela causa do Azores 2027.
Quem mais se quer juntar?

O interior das nuvens
CATARINA ARRUDA
#CADERNETA DE NUVENS

COMO SE FAZ O AÇORES 2027?

ANTÓNIO PEDRO LOPES
Diretor Artístico do Azores 2027
– candidatura de Ponta Delgada | Açores a Capital Europeia da Cultura

© Vera Marmelo

Faz-se com uma equipa base de quatro pessoas, quatro nomes. Por ordem alfabética: António, Carolina, Gina e Nuno. Fazem direção artística, produção executiva, comunicação, participação e desenvolvimento de públicos. Juntaram-se para fazer este projeto, vindos dos Arrifes, Rabo de Peixe, Lajes do Pico e Angra do Heroísmo.
Além desses nomes, juntam-se outros. Outro Nuno, o Sérgio, o Luís, o Hugo e o Miguel, que afinam a dimensão criativa e comunicacional do projeto. O Paulo trabalha afincadamente para construir a casa e articulá-la com o mundo. O Nelson trata da sua dimensão financeira. O Ulrich e a Pia afinam connosco o conceito e as linhas de programação. A Ana, a Marta e o Miguel juntam informações, mapeiam artistas e instituições, auscultam, conversam e criam as condições para se criar um Plano Estratégico de Cultura com um horizonte de 10 anos. A Margarida edita e coordena os 9 Bairros e aproxima as ilhas num espaço só, como se tratasse de uma grande cidade europeia. Nas nove ilhas, há nove embaixadores. Pessoas-ilha com nome próprio, anjos da guarda, altifalantes, cuidadores do futuro e espalha mensagem para as suas comunidades locais: o Roberto em Santa Maria, a Maria João em São Miguel, a Sara na Terceira, a Neuza na Graciosa, a Gabriela nas Flores, a Andreia no Corvo, outra Andreia em São Jorge, o Pedro no Faial e o Terry no Pico.
Mas há mais. Todos os 19 municípios da região são parceiros, o Governo dos Açores é copromotor e tem um papel fundamental através da Cultura, Turismo e Transição Digital, e, claro está, a Câmara Municipal de Ponta Delgada, que é a líder de projeto, que inaugura e guia este movimento. O José, o Nuno, o Ricardo e a Sra. Presidente integram uma Comissão de Honra com mais de 50 personalidades do Universo Açoriano e um Conselho Consultivo para acompanhar e dar voz à população no processo de candidatura.
Juntamos ainda 50 nomes da cultura, do turismo, da educação, do ativismo social que, ainda em maio, partilharam coletivamente a imaginação para se conhecerem mutuamente, problematizar os desafios do presente e do futuro próximo e imaginarem soluções criativas que pudessem contribuir para o projeto. Muitos interessados e curiosos têm esgotado todas as Portas Abertas. Já para não falar dos vários agentes da cultura, artistas, instituições culturais dos Açores, da Letónia, da Europa, Estados Unidos, líderes de ex-Capitais Europeias da Cultura, responsáveis por outras cidades candidatas de Portugal, de Braga a Faro ou ao Funchal, cidades que não venceram, mas que se viram para sempre transformadas. Pessoas, muitas pessoas que

temos contactado diariamente e que trazem ideias e muito desejo de pôr o pensamento num amanhã melhor.
Fazer o Azores 2027 é um trabalho em progresso, uma montanha-russa, um processo emocionante. Um processo de participação que vale por si e que vale a pena, além de qualquer competição. Um trabalho de equilíbrio, entre o retiro e reflexão de um pequeno grupo e uma conversa aberta que traz todos os dias alguém novo, uma nova voz, outra pessoa, outra instituição. O projeto é de união e cooperação – fazemos pontes e iniciamos conversas. A cultura serve de cola para pensar um futuro melhor, mais articulado e mais sustentável, e é um catalisador de reflexão sobre desenvolvimento social, económico e territorial. É uma corrida e um grande desafio, é certo. Mas a cultura é o investimento necessário e o exercício importante para fazermos parte de um todo sem muros que una tradição e contemporaneidade, educação e cidadania, arte e natureza, este lugar e estas histórias, as nossas gentes e a sua mundividência, esta geografia e o mundo todo. Azores 2027 faz-se, por isso, para e com pessoas, mãos vazias e ouvidos abertos. Açorianos e açorianas de todas as proveniências. No bilhete de identidade, no coração ou no imaginário. Uma âncora no presente e uma asa no futuro. De uma cidade para uma ilha, para uma região rural e marítima.
Tentando, falhando, tentando de novo, falhando melhor. É assim que o fazemos. Será assim todos os dias, até 23 de novembro – dia de entrega das 60 páginas que levam o nosso sonho de capital europeia da cultura. Porque isto é nosso e isto é para nós: todos, todos, todos.

Caminhar em direção às nuvens | ANA RITA FURTADO **#CADERNETA DE NUVENS**

ROTEIRO AFETIVO POR PONTA DELGADA

RACHEL KORMAN

1

2

1 CALÇADAS PORTUGUESAS

Em Ponta Delgada, olhe para... O chão!
Foi o que me encantou assim que cheguei à Ponta Delgada, num dia frio e húmido de inverno em 2018. Portugal continental está repleto, claro, de calçadas portuguesas. Mas por aqui, o que chamou minha atenção foram os padrões, diferentes do que estava acostumada, com a presença constante e mais marcante das pedras escuras de basalto. As calçadas são tão importantes para o patrimônio local que uma equipa da Universidade dos Açores fez dois roteiros de Ponta Delgada baseados nesses padrões. Eu já percorri os dois!

2 PESQUEIRO

Um verdadeiro ilhéu toma banho de mar todo dia, o ano todo. Foi minha primeira lição de açorianidade. Tenho tentado e o hábito entranhou. Em Ponta Delgada temos o privilégio de ter a zona balnear do Pesqueiro, uma bela piscina natural aberta o ano inteiro. Um mergulho a qualquer hora do dia e já está!

3 MERCADO DA GRAÇA

Ir ao Mercado da Graça aos sábados é meu programa predileto. Como espaço, a praça não tem nada de extraordinária. São os produtos que lá são vendidos, as pessoas que os vendem e os encontros com os amigos que tornam o mercado especial. Os ananases, as anonas, o doce de capucho, os queijos... dá vontade de provar tudo!

4 CHICHARROS DO MANÉ CIGANO

E quando a fome bate, o melhor a fazer é seguir até o Mané Cigano. É uma tasca, bem tasca, daquelas em que ainda se partilham as mesas. E servem uma das melhores iguarias dos Açores: chicharros fritos com feijão assado. E cebolas em conserva.

5 MUSEU HEBRAICO SAHAR HASSAMAIN

Sou de origem judaica e fiquei muito feliz ao descobrir um pequeno tesouro quase escondido em Ponta Delgada: a antiga sinagoga, restaurada e reaberta em 2015 como Museu Hebraico Sahar Hassamain – Portas do Céu. É uma das sinagogas mais antigas de Portugal e um dos únicos vestígios da cultura hebraica no arquipélago dos Açores. O

7

espaço merece uma visita, seja por quem tem interesse pela cultura judaica ou por simples curiosidade.

6 GRUTA DO CARVÃO
A geologia da ilha me interessa. E em Ponta Delgada encontra-se uma das maravilhas vulcânicas de São Miguel – o maior túnel de lava da ilha, com uma extensão no subsolo de 1.6 quilómetros. É a Gruta do Carvão e lá dentro existem formações bizarras, como estalactites e estalagmites interessantes de se observar. Uma viagem!

7 TORRE SINEIRA
Sair do subsolo e subir aos céus. Observar a cidade por cima. Na rua lateral do edifício da Câmara Municipal de Ponta Delgada encontra-se a entrada para a Torre Sineira, construída no século 18. Com quase 30 metros de altura e 106 degraus em caracol chegamos ao topo, um pequeno terraço onde temos uma vista privilegiada de 360º da cidade.

8 O QUARTEIRÃO
Ponta Delgada tem seu *quartier d'artistes*, O Quarteirão, como um grupo de artistas, designers e artesãos locais denominam um conjunto de ruas no centro histórico, onde estão seus estúdios/lojas. Passear pelo quarteirão é um prazer.

9 FONSECA MACEDO – ARTE CONTEMPORÂNEA
Não muito longe d'O Quarteirão está a Fonseca Macedo – Arte Contemporânea, galeria dedicada à apresentação de artistas emergentes e consagrados, sejam regionais, nacionais ou internacionais. A Fátima Mota, diretora e mentora da galeria, está nesta batalha há 21 anos. A próxima exposição a ser inaugurada é da artista açoriana Sofia Caetano, numa parceria da galeria com o festival de artes Walk&Talk (W&T).

10 WALK&TALK
E é com o W&T que finalizo este pequeno roteiro afetivo por Ponta Delgada. Em sua 10ª edição, o festival ocupa a cidade e se espalha pela ilha, com arte pública, exposições, performances e deambulações por vários espaços públicos e culturais, ligando arte, pessoas e natureza. O ponto de encontro do W&T é na vaga – espaço de arte e conhecimento, o mais recente projeto de programação artística em Ponta Delgada, sempre de portas abertas para nos receber. ●

ESPECIAL DA MACARONÉSIA

ANTÓNIO DE NÉVADA

MACARONÉSIA

(Do Grego makarōn nēsoi, Ilhas abençoadas)
Segredos e Conselhos (a título de nota prévia)
Criou-se a ideia de que elas não passam de naus encalhadas às portas de nenhures, isoladas em si e umas das outras. Que injustiça!... porquanto é ígneo e flamejante o desvelo que as habita, persiste a audácia qual demorado anseio, para além da constelação que transcende a terra firme e as lavas que lavraram os campos no seu desmedido compasso. Germinadas de braços dado com o aroma dos dias, noz-moscada de encontros e desencontros, de partidas e regressos: nelas, cabem, a condição como cada elemento reage perante o fogo, lugares de justa conta (de tenteio), onde uma pitada a menos é de menos e uma pitada a mais é de mais.
(sobreviver no imenso azul)
Mar salgado, em abundância; **Terra ocre**, em camadas sobrepostas, chã e crã; **Seixal**, vulcânico, roçagado junto à costa; **Saudade**, na tradição da épica melancolia; **Perseverança**, essencial e indispensável; Histórias, por contar, como todas o são; **Imaginação**, q.b.;

I Will Fall, Alex Da Silva, 2018

I

Ao mar salgado com travo a sargaços
Junta-se devagar um punhado de terra
E uma mão cheia de calhaus rolados.
Pulveriza-se tudo com uma boa dose
De criatividade ou imperativo dom
Que aqui a sobrevivência é soberana.
Na medida certa dos extremos
E no coar da espiritualidade
No negro e no ocre das ribeiras
O véu da noite adormece os anjos
(e os demónios)
Sob o ensanguentado das pétalas
Que se desprendem do sol poente.
Dizem os antigos que teremos apenas
O mel do doce favo e o salitre do corpo
Os condimentos que restam dos tempos
E da parcimónia passagem dos tempos
A luz que colhemos dos céus e a miragem
Onde a Atlântida afundou seus templos.
Lançados de bombordo a estibordo
Ao acaso pela mão indecisa de deus
Foram semeados o paraíso e o insólito
As flores em prece e o peito talhado
No amparo das asas brancas abertas
E na envergadura das velas ao vento.

II

Sempre que o horizonte se cobre de neblina
e não vemos senão a própria sombra refletida
nas películas de água suspensas pelo ar, sempre
que o vento sopra em súplica e as embarcações
se abrigam nos cais de partida, e esta gente
se aconchega entre as quatro paredes da casa
que se alonga num jardim que vê as suas flores
decepadas... No silêncio, que irrompe o silêncio,
quando tudo queda sem voz sem melopeia e o
tempo colhe o destilar dos instantes, e da cevada
e do trigo se pondera o pó da moagem dos
signos, relembramos o gosto do figo avermelhado
e acendemos um relâmpago, chicoteando de luz
a forja e a brasa.
Quando celebramos os equinócios no rebento e
no tombar de cada folha, porque somos frutos da
mesma estação, elevam-se os braços e colhem-se
as estrelas, teimosamente! como quem se agarra
aos versos plenos e prenhes da poesia.
Trituramos a cana e repisamos os bagos da
videira. No lagar aonde se depurou o azeite da
oliveira, rega-se com um fio de oiro o caráter e a
estética dos sentidos, untam-se abundantemente
os sonhos e esta pretensão de existir, que no
lume brando onde retemperamos a memória,
parte-se o pão em bocados e repartem- se o
miolo e a côdea da cozedura.
Sob a nudez do estio, estendemos panos de
púrpura sobre a terra crua, e por fim o desapego
se apura nos nossos gestos firmes! Aí então,
manchados de luas e urdindo o pensamento nas
linhas que amadurecem a malha do silêncio, é
hora de nos sentarmos uns à volta dos outros
em forma circular: serve-se assim, num prato
singelo, a oferenda.

Os Vizinhos | PEDRO LOPES

OS BAIRROS NO MUNDO DAS ILHAS

MARGARIDA SODRÉ
Editora da 9 Bairros

Bem-vindo(a) à 9 Bairros!
Começo este segundo editorial tendo como mote a célebre frase do meu conterrâneo Vitorino Nemésio: "A geografia, para nós, vale tanto quanto a história". Tendo por base a linha de pensamento que dá origem a esta publicação digital, ponho esta citação em perspetiva e afirmo que, para os açorianos, a história vence a geografia, porque apesar da descontinuidade territorial, a nossa história une-nos. Vejamos: somos nove ilhas dispersas no oceano atlântico e apesar das nossas diferenças, tão incessantemente reverenciadas numa sociedade que cultiva esta ideia de que no diferencial é que está o ganho, temos muito mais em comum do que podemos pensar num primeiro vislumbre do conjunto. Pensemos na caça à baleia, na gastronomia, nas expressões idiomáticas, na música, até no próprio ideário das letras; a lista poderia prosseguir, mas há um limite de caracteres a respeitar e não pretendo ser exaustiva.
Temos uma identidade comum que aparenta envergonhar-nos. Quase temos de nos demitir do nosso orgulho enquanto naturais ou residentes de uma ilha por gostarmos ou nos identificarmos com as demais. É como se "o amor à camisola" nos impedisse de reconhecermos o mérito alheio e a importância dessa comunhão.
Não quero com esta minha peroração advogar uma visão unilateralista, a régua e esquadro, que anule as especificidades de cada ilha. Antes pelo contrário, acho que essas derivações são muitíssimo relevantes e que, inclusivamente, nos enriquecem. É urgente reforçar a importância de percebermos que somos um arquipélago num sentido muito mais amplo do que um nome, um hino e uma bandeira. Cimentamos uma cultura

muitíssimo rica, com um enorme potencial, mas que ainda é pouco conhecido e reconhecido fora de portas. Apenas com um sentido de orientação afinado na mesma direção poderemos navegar e maximizar esta nossa matéria-prima.
A minha educação familiar e formal, a minha experiência pessoal e profissional fizeram-me ganhar consciência da minha identidade enquanto angrense, terceirense, açoriana, portuguesa e europeia, como se de uma pirâmide se tratasse. Uma dimensão não retira nada às

restantes, antes pelo contrário, complementa-a, enriquece-a. Enquanto não percebermos o nosso lugar no mundo dificilmente conseguiremos fazer com que os outros o reconheçam.
Neste bairro marítimo, queremos dar a conhecer o que se faz pelas várias ilhas, através de várias rubricas, pretendemos mostrar as várias tonalidades da nossa cultura, para que nos possamos orgulhar (ainda mais) dos nossos Açores. Queremos que este bairro se construa como todos os outros, através da contribuição de muitos, numa soma das partes que nos faz sentir em casa, confortáveis, num cenário que vai para além da dimensão física, numa paleta de cores, sotaques e pronúncias, em que naturais, residentes e visitantes experienciam vários sabores, que vão da canela aos cominhos, que constroem uma moldura humana e natural única. Já canta o Rui Veloso, na música "Primeiro Beijo", "Muito mais é o que nos une, que aquilo que nos separa", mesmo quando aquilo que nos separa é o mar.

Vista do Céu | JOÃO ALBERGARIA **#CADERNETA DE NUVENS**

CULTURA, NÃO, COM LICENÇA

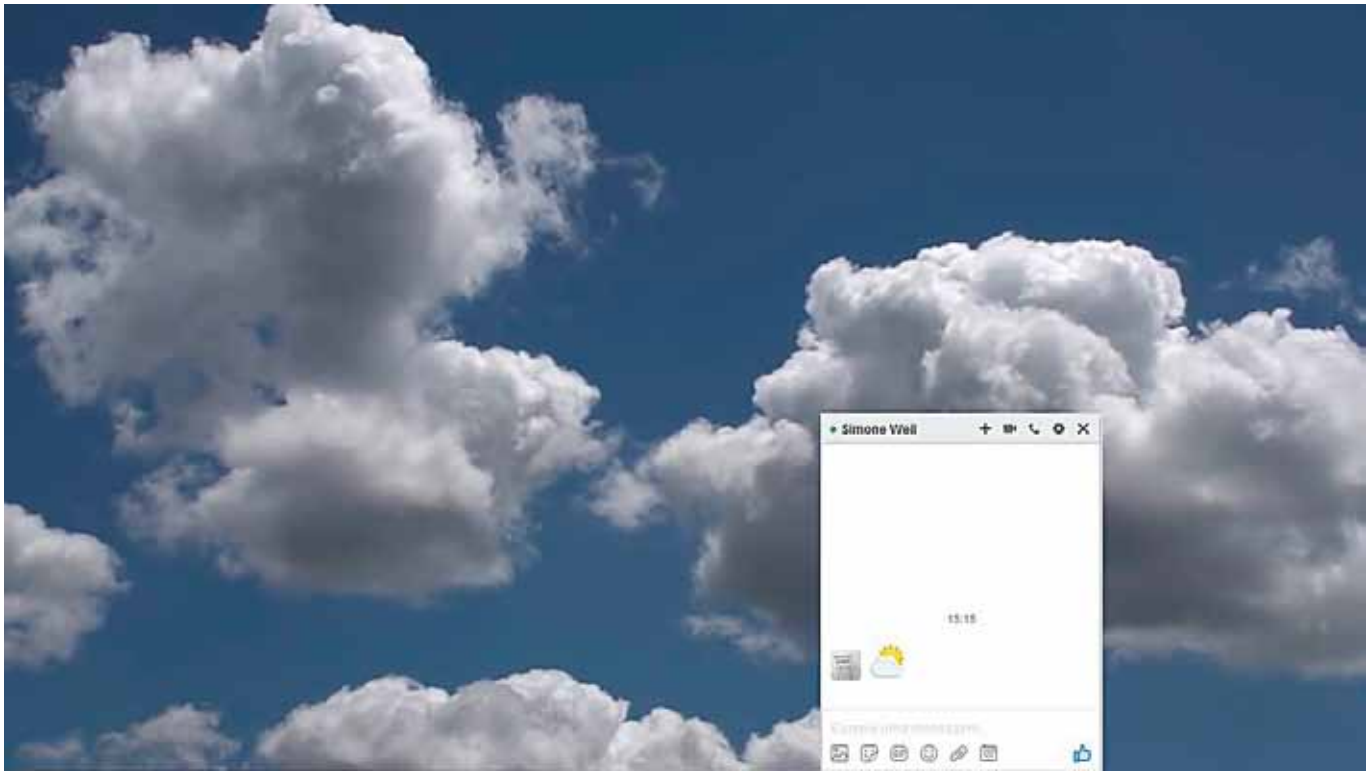
LEONARDO SOUSA

Herbert Read sugere a abolição da palavra: para o inferno com a cultura! Já não é mais do que uma mercadoria, o que não pode ser separado das operações políticas e económicas. E, paradoxalmente, atomizou-se. Gonçalo M. Tavares: "Reduziram os ensinamentos essenciais de 10 mil páginas / a 10 mil dólares". Dúvida grega: em que medida um produtor musical é mais "agente cultural" do que um produtor de sapatos? Para o sentido de cultura, é tão legítima a gastronomia quanto a dança, tão necessária a política quanto a empresa. Porém, ele não é cada uma dessas coisas em si, mas sobretudo o propósito de comunicação entre todas as partes, a favor do aperfeiçoamento democrático da sociedade. Pode entender-se como um conjunto de dinâmicas que ocorrem entre o mundo individual e subjectivo e o mundo colectivo, material e histórico; entre o mundo colectivo, material e histórico e a criação de sentido, finalidade. Não precisamos da palavra, precisamos do seu significado.

Esse significado instaura uma "tensão entre fazer e ser feito" (Terry Eagleton). Grande parte do que somos é o que nos falta. As artes são o campo onde a convulsão pode ser contínua, a indagação absoluta e devastadora. Em "Talho", conto de Maria Brandão (Avenida Marginal, Artes e Letras, 2019), o olhar simultaneamente estrangeiro e residente da protagonista obriga-nos a confrontar a "existência de um paraíso no meio do Atlântico" com os seus "verdes desbotados, as paisagens banais, as hidrângeas queimadas, as termas duvidosas, a gastronomia gordurosa, a cultura dormente, os habitantes selvagens" e com uma "cidade raquítica com mais carros do que o centro de Estocolmo". Uma peça de arte literária que é ao mesmo passo uma peça de crítica cultural, encetada para nos fazer olhar a partir das fendas e dos golpes, situando-nos na tensão entre o que o território é e o que pode ser, denunciando-lhe em poucas linhas um rumo abstinente, que não coloca obstáculos reais às falências na educação e na cidadania, à economia faminta, à visão autofágica do território, provinciana, mesquinha, e, em última análise, trágica como "um Titanic de quatro rodas".

A cultura é "dormente", porque, como "uma rotunda congestionada, sem sentido definido", não comunica com as vias sobre as quais se expande, e estagna. À imagem e semelhança do mercado, transformou públicos e cidadãos em consumidores de mais um serviço ou bem. Não temos falta de consumidores – vide festa branca. As artes precisam de reencontrar o seu espaço e recriar os seus públicos. Um público participa na própria obra, recria-a, amplia o seu significado, perpetua-a, inscreve-a na consciência colectiva.

Faz dela pertença comum. Faz muito mais do que consumir, entreter, ou prover soro a uma qualquer apatia.
A mátria de Natália Correia convoca simultaneamente a teologia mística de Joaquim de Fiore e a mitologia pagã de Pessoa. Enfoca o culto do espírito santo como um mito fundador da cosmovisão açoriana, vocacionando-a, par a par, para o conhecimento de si mesma e para a religação com o exterior. Associa-lhe a celebração do feminino, fonte de energia criadora que conduz uma revolução cultural por via da fraternidade, absorvendo o melhor das suas mundividências e transformando-as em propriedades da sua natureza e identidade. Confirma a originalidade e o poder inventivo da comunidade, mas impele-a a materializar esse poder.
Toda a estratégia cultural que seja menos do que devolver o poder às pessoas está reduzida à métrica financeira. Ao contrário da linguagem do mercado, que separa e mecaniza, as linguagens artísticas aproximam as pessoas. Activam consciências, razões, discórdias, novas dúvidas. Cabe-lhes um papel central na democratização da cultura. A sua inserção em sectores económicos, como no turismo, pode não só contribuir para a rentabilidade da região, como para repensar a sustentabilidade da relação economia-ecologia a longo prazo. As suas potencialidades pedagógicas, terapêuticas, reintegradoras dizem-nos que podemos descentralizar as suas estruturas, colocá-las em itinerário, agir continuamente nos planos do ensino, da justiça, da acção social, da saúde, obrigando os canais públicos a comunicar entre si, contribuindo para neutralizar a distância entre os discursos das artes e os públicos, entre as instituições e os indivíduos, entre o território e o habitante.
Apelar a uma sensibilidade cidadã que se indigne com a falta de sentido estético dos seus rumos – eis uma missão cultural. Gerar públicos exigentes, públicos co-criadores da obra, mas também co-criadores de uma identidade colectiva. Própria, mas aberta. Fluida, mas com trajecto e narrativa. Uma cultura que nos vivifique, mais do que "unir-nos aos mortos da literatura", mais do que ser mero "marcador turístico" onde habitamos "por uma questão de inércia climática" (Nuno Félix da Costa). E, sobretudo, uma cultura que não se entretenha a sarar golpes fundos com pensos rápidos.



Nuvens | DIANA COELHO **#CADERNETA DE NUVENS**

UM ROTEIRO DO ARCO DA VELHA

PATRÍCIO VIEIRA

© Ricardo Laureano

Na freguesia de Santa Bárbara, durante as festas de verão, existe uma energia diferente, tal como é normal em todas as pequenas localidades. As casas estão frescas e os pátios arranjados, prontos a receber visitas. Há luzes penduradas e o ritmo da vida desacelera consideravelmente. Passear por uma destas zonas, num destes dias, é uma excelente forma de conhecer a identidade de um povo.

Quando Yuri e Boris passaram em frente à igreja, só queriam tirar fotos. Eram 10 da manhã quando estacionaram o carro. O dia estava só perfeito. Tiraram boas fotos, principalmente Boris, que era amante da fotografia.

Ao sair da igreja repararam num monte de homens que, de forma barulhenta, se agrupavam à volta de uma estrutura de madeira que estava no chão. Ali, quase no meio de uma estrada que agora era uma espécie de estaleiro. As mulheres e homens e mais velhos tinham bancos e estavam a cortar "cedros", os mais novos moviam uns enormes blocos de pedra. Depreenderam que serviriam para suportar a tal estrutura de madeira.

Um dos homens fez-lhes sinal, como que a perguntar se não queriam ajudar. Os outros riram de forma descontraída. Todos ficaram espantados quando Yuri e Boris pousaram as mochilas e se agarraram aos massivos blocos. Foram pouco mais de dois minutos de esforço, mas que os fez suar. Finda a tarefa, houve uma celebração conjunta, cheia de risos e braços dobrados a contrair os bíceps. Os estrangeiros, como foram batizados, foram saudados e claro que houve um brinde. Durante os minutos seguintes foram tentando perceber para que serviria

todo aquele trabalho e foi-lhes explicado que era um arco para a procissão do dia seguinte. A estrutura tem cerca de 5,5m, é de madeira e depois é forrada com ramos de criptoméria (chamados de cedros) e algumas flores. Com um pé em cada lado da estrada, tem altura e largura suficiente para o trânsito fluir. Cerca de oito pessoas são responsáveis por fazer o "arco". As enormes pedras que o sustentam são trazidas por um trator que chega quando o seu proprietário tem tempo. É levantado com força braçal, embora às vezes se faça batota, usando um empilhador ou algo do género. Fazer o arco é um dia de festa, com comida e bebida em abundância. Ao grupo de pessoas responsáveis pelo empreendimento, geralmente juntam-se amigos e curiosos.

© Ricardo Laureano

Boris preparava-se para tirar uma foto quando estalou um foguete não muito longe dali. Retirou o olho direito do visor da máquina e viu um homem a correr em direção a uma casa. Todo o trabalho parou nesse momento. O homem voltou com um foguete na mão, pediu um cigarro, ateou o foguete e à voz de "fogo para o ar" lançou-o para explodir segundos depois sob um coro de gritos e aplausos. Mais um brinde. Yuri chamou Boris com uma informação nova. O primeiro foguete tinha vindo de um outro arco ali perto. Rapidamente foram investigar essa situação, incentivados pelos já amigos. Mas levaram bebidas "para a viagem". Foram a pé, porque já não se sentiam capazes de conduzir. A hospitalidade aqui ignorava por vezes a saúde. Um preço muito caro, mas a quem ninguém ligava.

Andaram cerca de 500 metros e depararam-se com um cenário igual. Mais um monte de gente reunida a trabalhar noutro arco. Mais algazarra, mais alegria, mais brindes. Foram novamente convidados a participar nos trabalhos e fizeram-no com alegria. Boris registou tudo. Ouviram outro foguete. Havia cinco arcos a serem construídos em simultâneo e uma espécie de competição saudável entre eles. O ambiente era igual em todos. Partilha era a palavra de ordem. Por volta das cinco da tarde, Boris e Yuri tinham corrido todos os arcos e estavam encantados, cansados e um pouco embriagados. Regressaram ao primeiro arco mesmo a tempo de ouvir a salva de foguetes que assinalava o fim dos trabalhos. Foram arrastados para a garagem do Basílio onde estava muita gente a ordenar uma mesa farta, cheia de pratos confecionados por amigos, vizinhos, curiosos etc. Comeram pouco porque tinham passado o dia a comer e a beber e foram severamente repreendidos quando quiseram pagar! Acabaram por adormecer em cima de uns bancos enquanto a festa ia serenando. Por que é que as pessoas se dão a este trabalho? Porque sentem que são parte integrante da vida da comunidade. Porque sabem que são peças fundamentais nesta engrenagem social que põe em andamento estes pequenos lugares. Porque, participando podem deixar a sua marca pessoal numa construção que é de todos. E, sobretudo, porque são felizes ao fazê-lo. Quanto a Yuri e Boris…estão a recuperar. O problema é que logo à noite há festa… ●

NOTA:
se participar na feitura de um dos referidos arcos, seja responsável, beba com moderação.
*Nenhum turista se embriagou durante os eventos que inspiraram esta história.

DOS *COMEDORES DE PÃO* NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

CARLA DEVESA RODRIGUES

Se a fama, cedo, o Homem desejou eterna; a fome, essa, desde os alvores que nunca conseguiu arredar do quotidiano pois, somente mitigada ou, em pleno saciada, sempre se fez sentir. Assim, não será de espantar que, mesmo em tempos de carestia – por temor e prevenção –, os alimentos capazes de lhe sustentar a vida fossem os mesmos a ocupar, nas aras de templos, o lugar de caras oferendas. No que à Europa Ocidental diz respeito, eram eles o cereal, a videira e a oliveira: transformados em pão, em vinho e em azeite e convertidos na trindade mediterrânica basilar.

No conjunto das cidades-estado que, no século V a. C., compunham a Hélade, o alimento básico era a cevada, consumida pré-cozinhada – sob a forma de *maza* ou papa –, à qual se adicionava, à escolha, água, azeite, leite ou mel; o trigo esse, ficava destinado à preparação de bolos chatos, semelhantes a pão fermentado, e de bolos doces. As favas, o grão-de-bico, as lentilhas, as ervilhacas, as sementes de linho, de sésamo e de papoila dormideira, serviam de complemento à dieta. Toda a carne, com excepção da caça e das aves, era consumida apenas em contextos sacrificiais; o peixe, de mar e de água doce, e o marisco eram, com frequência, conservados em salmoura. Também o queijo desempenhava um papel fundamental e era apreciado directamente ou, em conjunto com inúmeros outros ingredientes, sob a forma de bolos doces. Se os legumes verdes, como o alho-porro, o rábano, os agriões, o nabo, as beldroegas e a armole abundavam, o alho e a cebola ocupavam, pelas propriedades que criam curativas, um lugar de destaque. As confecções recebiam os aromas de, por exemplo, os poejos, a manjerona e o tomilho. De entre os frutos, frescos ou secos, enumeravam-

© Margarida Quinteiro

se os melões, as uvas, os figos, as peras, as maçãs, os marmelos, as sorvas, as nêsperas, as romãs e as amêndoas. Se bem que, ingerissem bebidas refrescantes, como o *cyceon*, à base de farinha de sêmola e hortelã-pimenta, ou *refresco* de romã com cevada e água, em partes iguais; era, o vinho, a bebida por excelência, tinto ou branco, áspero, seco, macio, doce, leve, encorpado, quente ou fraco; e, sobretudo, devido à sua fermentação retardada e maturação prolongada, muito alcoólico, podendo chegar aos 18 graus.

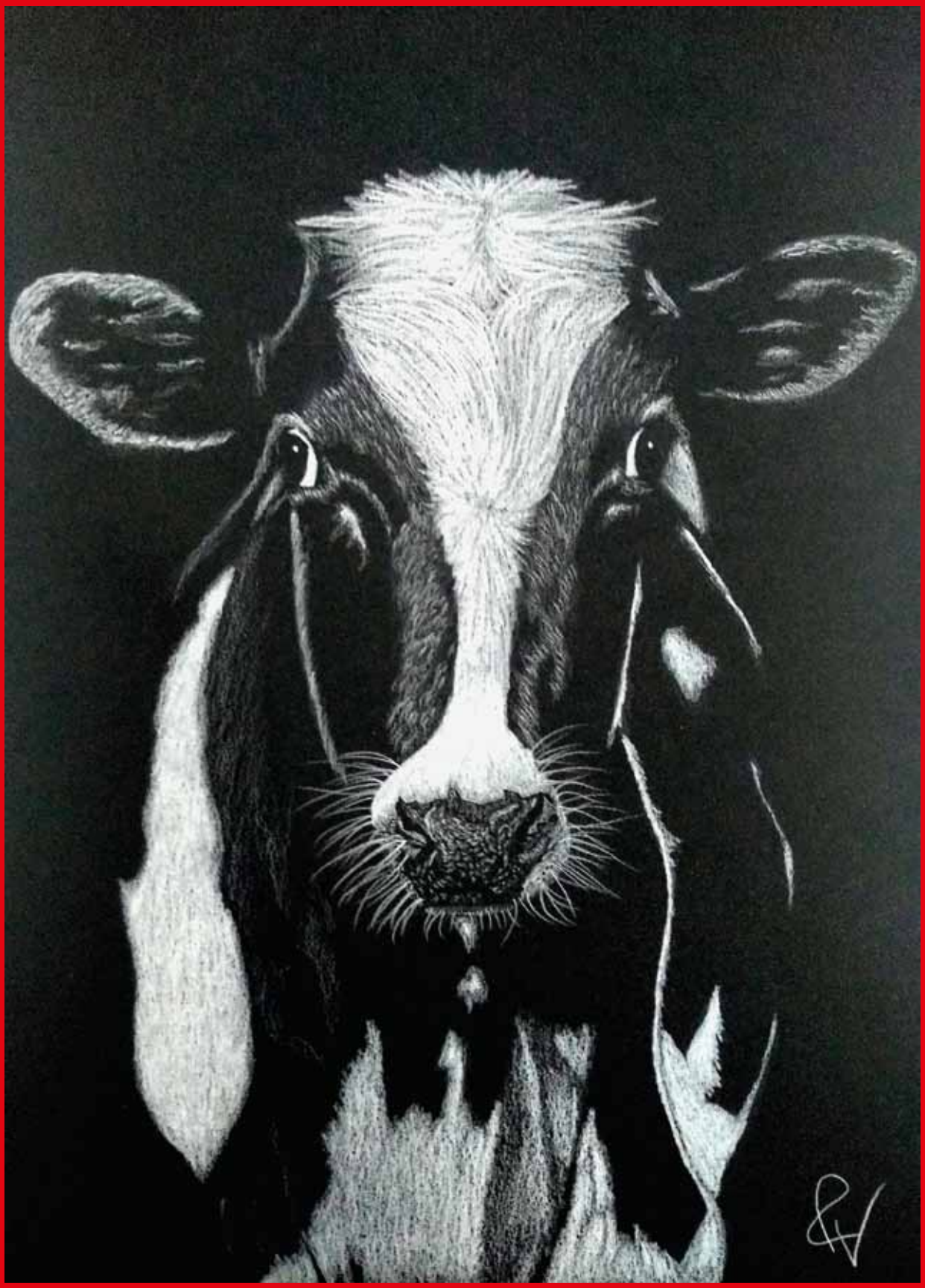
Nesta sociedade que se considerava exemplo de frugalidade, o momento que se seguia à ingestão dos alimentos, aquele em que se bebia em conjunto, o *symposion*, era também um exemplo de civilização: uma refeição realizada na sala dos homens, o *andron*, e, por isso mesmo, de acesso exclusivamente reservado a indivíduos do sexo masculino. Aí, os convivas reclinavam-se em divãs, diante dos quais se instalavam mesas

* Texto escrito de acordo com a antiga ortografia

Copo romano
de vidro reticulado,
século IV

Cratera grega em terracota
c. 550 a. C.

amovíveis; os seus corpos repousavam sobre mantas e os cotovelos eram suportados por uma almofada; para pousar o calçado, utilizavam um tamborete, que se encontrava debaixo do leito; a loiça, ficava reduzida a alguns pratos e comia-se com os dedos; os restos, esses, eram atirados para o chão; escravos asseguravam o seu serviço.
Estes banquetes eram reuniões rituais onde, as demonstrações de sabedoria e de capacidade de oratória, serviam para constituir um *kosmos*; estes banquetes eram também espetáculos privados onde, a cerimónia do vinho, de séria e libertadora, poderia passar a descortês e excessiva, chegando a terminar em orgia e em violência…
Em muito herdeira da cultura grega, a civilização romana, não adoptou a sua sacralidade do banquete, no qual o bebedor se deixava possuir pelo vinho e se transmutava em receptáculo de divindades como Dionísio ou as Musas. Para Roma a *cena* era o *lugar de partilha* onde se apresentava, ao mesmo tempo, a carne e o vinho; em Roma, por exemplo, a honra de um nobre encontrava-se ligada tanto à sua frugalidade pessoal como à sua sumptuosidade de anfitrião; e Roma encarava a alimentação como uma linguagem que, distintamente, servia para situar cada um no tempo, no espaço e, sobretudo, na sociedade. Ainda que, *grosso modo*, os alimentos base fossem, porque também mediterrânicos, os anteriormente referidos – o pão, o vinho e o azeite – a esta urbe – centro de um vasto império, que substituíra os confins da cidade pelos do mundo – chegavam estranhas peças de caça: girafas, ursos, antílopes, faisões, entre outros.
Pertencendo a *cena*, também chamada de *conuiuium* ao assumir dimensões mais importantes, ao tempo da paz, do lazer e do supérfluo, tudo nela se subordinava aos prazeres dos convivas: a organização da cozinha, o luxo do serviço, a ostentação da loiça e a beleza dos escravos. Embora, se ingerissem alimentos reconstituintes, era essencialmente composta por carnes, que apenas se comiam pelo prazer de o poder fazer. Aí, o próprio pão, se transformava numa guloseima: feito de trigo triturado, demolhado durante nove dias, era depois amassado com sumo de uva e, por fim, cozido, em potes, no forno. A sua ementa, regada com vinho em abundância, constituía-se em três serviços. Começava pela *gustatio*, com ovos e azeitonas, acompanhados por pão e vinho temperado com mel ou, caso detivesse maior requinte, poderia incluir ostras, bivalves, arganazes, tordos.
Seguia-se a *cena*, propriamente dita, organizada em torno de uma carne sacrificial, consumindo apenas uma pequena parte do animal abatido, como por exemplo, mamilos e vulva de porca ou línguas de flamingo; a que se juntavam caça de pelo e de penas e peixes em molho ou em terrina. E terminava com as *secundae mensae*, servindo os alimentos mais civilizados e os mais doces: os frutos, secos ou não, como as nozes, os figos secos e as uvas de conserva. Pretendia-se, através da partilha do prazer alimentar e da satisfação da gula, uma convivência à mesa capaz de reforçar os laços entre os comensais…
Desses gregos e romanos, meros *comedores de pão* – expressão que Homero, querendo distingui-los de Deuses e de Titãs, atribuiu aos Homens –, que se excederam, transformando o cozinhar alimentos em gastronomia, somos herdeiros e devedores.



Do pasto ao postal | PAULO VIEIRA

DO EAST VILLAGE AO CORPO SANTO.

SARA LEAL
Sub-editora da 9 Bairros

21:23 estava eu a sair da Silveira. É este o privilégio de morar aqui, nos Açores.
A água estava límpida. O cais habitado por dois pescadores e por um miúdo que contava os peixinhos que iam saindo agarrados à linha.
O chapinhar da água e o cair da noite. As luzes de rua ligaram-se quando ia a subir as escadas na saída deste meu ritual de purificação. É ali que me tempero, no mar. É esse, também, motivo do meu regresso pródigo a casa.
Agora, já no bairro do Corpo Santo, sentada no pátio urbano cá de casa entre plantas e mobiliário de jardim, a banda sonora é a do buliço estival das famílias reunidas após o jantar, entre os pátios e o interior das casas, o latir dos cães a chamar a atenção dos donos com casa cheia como demanda a época, a rega dos quintais pautada pela conversa sobre a quantidade de água que a planta em questão deve receber ou o edredão que é preciso recolher porque amanhã vai chover e vai ficar encharcado, os garajaus a passar, as crianças em reboliço em tempo de deitar, o rádio do Sr. António, o sino da igreja a tocar. São 23:00. Não é preciso ter relógio quando se mora na *cidade*.
Bebo uma Especial bem gelada e trinco uma Espécie de São Jorge – nova qualificação de jantar. O banho saciou-me.
É esta a movida do bairro. O bairro é uma unidade de vida, como uma célula. A primeira vez que tive a sensação de viver num bairro foi em Nova Iorque, quando estive a estudar cinema. Foi na rua 9 entre a 1.ª e a 2.ª Avenida que tive esta sensação de vida que vai acontecendo em paralelo. Numa pequena área tinha o café Mud, a padaria, o supermercado, o deli para as emergências a qualquer hora da noite, a lavandaria, a creperia The Crooked Tree, o restaurante Mogador, o bar Internacional, o Niagara e o Antagonist Movement, o Thompkins Square Park, o povoado e colorido da St. Marks Place, o brunch com mimosa no The Smith, e todo um mundo de experiências à espera de serem vividas sem vacilar – o *New York Minute* é muito mais rápido que o convencional. E as pessoas, claro, são as pessoas que lhe conferem todo o movimento. Encontrava a Shpiqe na padaria de regresso a casa, o Sebastian a arrumar a mota à porta do prédio, o Joe a controlar as entradas do bar, e tantos outros nomes e caras, dos quais muitos não me recordo, mas que faziam parte do quotidiano. É uma cidade que vive no presente.
Certo dia de inverno, estava eu na rua 17, em Union Square, e eis que me assalta uma sensação de claustrofobia imensa, uma desorientação

* Texto escrito de acordo com a antiga ortografia

grande, e a única coisa que eu conseguia pensar era em ver o mar. Meti-me no Q, sem hesitações, e zarpei rumo a Coney Island. Estava bastante frio, mas tudo o que importava era ver aquela linha ténue que me faz sentir em casa. Senti o cheiro do mar e o espraiar das marés – menos familiar que o escoar entre as pedras roladas. Ali estive algum tempo apenas a olhar o que para um ilhéu é o início do mundo. Humedeci a respiração de ressalga. E enfim, apaziguei. Foi ali que tive a certeza que era ilhéu. Foi preciso ir para outra ilha (Manhattan) para me aperceber disso. Um detalhe.

Nunca mais tive essa sensação outra vez. Penso que só precisava de me localizar, e para isso havia que saber para que lado era o *meu* mar.

E assim continuei a minha vida, filmei, acabei o curso, filmei mais, produzi, escrevi com facilidade porque me sentia parte daqueles códigos, e ali eu tornei-me açoriana. Não nasci nos Açores, mas cresci nestas ilhas – que me adoptaram desde logo. E apesar dessa pertença ter tido questões latentes por resolver durante muito tempo, porque não é fácil vir *de fora*, a minha verdade é essa. E eu apresentava-me sempre como sendo daqueles 9 pontinhos no meio do Oceano Atlântico. Finalmente percebi que podia assumir que era daqui.

Entretanto regressei, e não foi uma decisão muito pensada. Digamos que tive uma espécie de chamamento, vindo da Caldeira de Santo Cristo, que me fez vir filmá-la. Depois deixei-me ficar porque a ilha assumiu-se como o meu território de criação.

Talvez tenha ficado em mim a vontade de viver num bairro, de assumir a geografia dos sítios, de estar no centro do buliço, e saber recolher-me de forma eremita numa concha quando necessário. Nova Iorque é uma cidade com cinco bairros. Tem cerca de 8 milhões de habitantes, portanto muita competição, uma diversidade cultural imensa, as pessoas têm a capacidade de fazer decisões rápidas e saber o que querem – e ninguém ali vive bem sem saber o que quer no presente momento – e andam nos passeios a alta velocidade num código próprio que faz com que ninguém choque, excepto os turistas ou os novatos, e, apesar disso tudo, ou talvez por isso tudo, é uma cidade em que se sente a força do colectivo. As pessoas sabem unir-se para criar mudança, para criar movimentos, para reagir ao mundo. É sem dúvida algo que senti na pele e que penso ser uma característica admirável que faz com que aquela cidade se renove como um movimento perpétuo. Não é uma utopia, nem um desejo romantizado. É possível. E acontece. Pode ser algo construído e assente na necessidade de ter uma linguagem comum a toda a sua diversidade. Mas, reitero, é possível.

Há um sentimento de pertença, de solidariedade, de simbiose entre pessoas que fazem parte daquele lugar, mesmo que não se conheçam todas. Como gostaria de importar para cá esse espírito de comunidade, que depois se desdobra, é certo, em grupos, nichos, e indivíduos.

Podemos não ter a diversidade nova iorquina, mas somos pessoas de terra e de mar, somos o epicentro do Atlântico, zona de passagem de navegadores, do mar e do ar, sítio de importantes classificações mundiais, palco de acontecimentos internacionais, território edificado em três placas continentais, local de gente que aprendeu a viver sob o *signo insular,* a reconstruir cidades, a sonhar *califórnias de abundância*, a estabelecer os interesses de uma região ultraperiférica, a lutar por eles – podemos fazer ainda mais. Os Açores somos nós que pertencemos a este lugar, incluindo aqueles que não estando cá, carregam esta terra pelo mundo fora, estes 9 pontinhos no meio do mar.

É este o espírito da 9 Bairros, é criar esse espaço colectivo. É criar união. Temos a missão de estabelecer pontes entre estes nossos *bairros marítimos* - designação que definimos como unidade essencial arquipelágica neste projecto piloto do Azores 2027.

Esta publicação pretende ser essa evidência, e fazer ver que estamos juntos, mesmo quando o mar nos cerca em 9.

UMBIGO MICAELENSE

PEDRO ALMEIDA MAIA

No momento em que se acendeu a luz verde do semáforo, nem tinha decorrido um microssegundo, irrompeu uma buzinadela enraivecida atrás de mim. Era uma descarga tão obstinada como se aquele espécimen com olhos raiados de sangue só conseguisse comunicar por Código Morse. Tenho o hábito de desaprovar a impaciência dos outros — considero-me, eu próprio, impaciente — mas o dia estava soalheiro e eu tinha dilemas mais importantes para resolver do que a selva ruidosa em que se tem transformado a minha cidade-bairro.

Para espanto de toda a gente, em vez de arrancar em fúria e com os pneus a esfumaçar, o primeiro condutor da fila abriu a porta do veículo e apeou-se. Tinha ombros duros, torso aprumado e caminhava firme como uma pantera. Mas as mãos iam descontraídas, com a serenidade a marcar-lhe um passo após o outro. Era como se Deus o tivesse incumbido de ensinar a integridade ou de espalhar a mensagem da plenitude. Ao passar pelo meu carro, notei-lhe o pormenor do bigode a sobrepor-se ao lábio desinquieto, trémulo até, além do bálsamo a *Old Spice* que deixou espalhado. Uma pessoa que usa fragrâncias daquelas costuma primar por valores clássicos, como a importância de um aperto-de-mão num negócio fechado.

Enquanto dois automobilistas rompiam a fila, naquela gana pela bênção do rei-semáforo, assisti pelo retrovisor à aproximação do benfeitor ao condutor assanhado. O buzinador espumava pela boca «mexe contigo, mamão», mas o de bigode pregava bom-senso, argumentando que «a gente vive numa ilha, somos um pontinho no meio do mar» e que, mesmo ali, no final da rua, via-se vacas a pastar, na paz de Nosso Senhor, e os apartamentos tinham vista para os campos de milho. «Pra que é

essa agonia toda, sagrado? Pra chegar depressa à estufa dos ananases?», insistiu ele.

Foi ao ouvir aquela discussão que regressei à minha dualidade filosófica de se viver em ilhas, em especial nos Açores e mais concretamente em São Miguel. Queremos muito ser ilhandeses com qualidade de vida, assim o divulgamos: «aqui é que se vive bem, fica tudo a dez minutos, paramos o carro em frente à praia, temos tudo o que é preciso, está-se em paz e longe da guerra». Porém, a verdade é que criamos as nossas próprias guerras, queixamo-nos de que falta uma série de coisas, estamos sempre desejosos de viajar para longe, metemos semáforos nos cruzamentos e — não sejamos hipócritas — já quase não se consegue estacionar o carro em frente à praia.

Muitas vezes questiono o porquê de, sobretudo neste bairro de São Miguel, vivermos como se fôssemos uma ilha-continente. Andamos atarefados como formigas, apressados para o próximo compromisso, atrasados para uma reunião, sem tempo para dar bons-dias, sem disponibilidade para os vizinhos, para a família muito menos, e os amigos à espera daquele café — o tal café prometido quando ainda havia temas em comum. E como se isso não bastasse, encaixamos afazeres desnecessários nas manhãs, nas tardes e nos serões, para depois, no fim, irritarmo-nos quando os trajetos de carro demoram mais do que os habituais dez minutos. Às vezes, parece-me que os micaelenses desejam uma vida agitada, sentir a pressão da cidade grande, que almejam endireitar as costas perante a metrópole, comparar-se com Lisboa. Mas isso é o mesmo que gerar o caos numa casinha de bonecas, ou colocar um relógio numa gaiola de periquitos: um comportamento psicossocial, no mínimo, intrigante.

Quando o micaelense visita outra ilha açoriana, perguntam-lhe se é a primeira vez, se já lá tinha ido antes; mas ele raramente pergunta o contrário, se conhecem São Miguel. Assume que sim. No meu primeiro emprego, havia quem dissesse «telefonaram das ilhas», quando se referiam a clientes «das outras ilhas». Até herdámos do nosso recente passado a alcunha de "almas de pau", indicador de frieza na relação de alteridade com os semelhantes, de indolência perante o resto dos bairros.

Diga-se então, sem receios, que o micaelense tem um problema de umbigo. Não é intencional, nem sequer maldoso, mas existe, e vale a pena debruçarmo-nos sobre isso. Almejo encontrar explicações para o fenómeno, resolvê-lo de uma vez por todas, como se fosse o dilema fundamental do nosso insulismo, da nossa existência de ilhéus. Para isso, defenderei a teoria de que os micaelenses vivem na ilha com menor sensação de arquipélago. Falta-nos vizinhança.

Se uma ilha é uma porção de terra rodeada de mar por todos os lados, nove ilhas são nove porções de terra rodeadas de mar por todos os lados. Mas se, entre si, estiverem próximas o suficiente, chamamos-lhes de arquipélago. Quão próximas? Próximas ao ponto de as podermos ver no horizonte? — Não ambiciono contestar as definições de ilha nem de arquipélago, muito menos arrojar-me em lições da Nissologia. Quem sou eu para isso? Os estudiosos da "ciência das ilhas" fazem-no muito melhor do que um ficcionista. — Mas vejamos: nos Grupos Ocidental e Central, de qualquer ilha avista-se, com grande facilidade, pelo menos uma outra. Inclusive o Corvo, território tantas vezes acusado de isolamento, tem as Flores ali tão perto. No Grupo Central, avistam-se quase todas as outras, diariamente, a qualquer hora do dia e da noite, salvo naqueles nevoeiros cerrados e capacetes de nuvens — aí, nem vemos os próprios pés. O lugar onde mais bebo a sensação de arquipélago é junto ao famoso canal: o Pico a saudar os faialenses e o Faial a cortejar os picoenses. Então, e neste Grupo Oriental, qual é a relação visual ou de proximidade? Existirá a mesma sensação de arquipélago? Da ilha de São Miguel avista-se apenas Santa Maria, e vice-versa, mas com alguma dificuldade. Quando sucede, faz-se um espanto, arregala-se os olhos, aponta-se o dedo ao horizonte, avisa-se os filhos e a sogra: «Ólhó-lhó, vê, vê, vê», mas depois fica-se absorto. Talvez porque nem sequer é um bom presságio para o micaelense. Como diz o ditado: «Santa Maria à vista, água na crista».

Os mais puristas dirão que, de São Miguel, avista-se o Grupo Central, sim, mas eu nem quero explicar a complexidade dessa proeza. Basta pensarmos que, para ver Santa Maria, é necessário estar em altitude e as condições atmosféricas devem ser muito, muito boas. Dependendo de onde se vive na ilha, o micaelense pode passar semanas sem sinais da ilha vizinha – e ainda há quem nunca a tenha visto no horizonte!

Num tempo em que se fala da união entre os açorianos em prol de objetivos comuns, sobretudo a cultura, mais recentemente – que bem sabemos tratar-se de uma missão hercúlea, não só por questões históricas, geográficas, mas também sociopolíticas – é importante realçar o que nos liga. Não me refiro apenas ao canal de televisão, às rádios e jornais, à universidade ou à companhia aérea regional; não basta existir quem forneça bens em todas as ilhas, governantes que as visitam e as entrelaçam com promessas eleitorais, compêndios literário-musicais, guias turísticos e inventários antropológicos. Os açorianos têm de se ver, de se tocar e cheirar, beijar na boca, abraçar-se, fazer sexo no areal, cantar na mesma nota, bailar ao mesmo ritmo. Tal como o projeto da Europa continua a ser um desafio de união na diversidade entre os diferentes países do velho continente, também um arquipélago como o nosso representa esse mote, à dimensão

proporcional de ilhas, ou bairros. Talvez os Açores sejam mesmo a melhor miniatura para mostrar a diversidade cultural à Europa como capital da cultura – desde que se aviste Santa Maria mais vezes, para bem dos umbigos micaelenses.

O semáforo estava vermelho outra vez. O condutor austero recostou-se no assento da viatura, como se interiorizasse a serenidade das vacas atrás de si, a pastar erva feliz, e o ser celestial regressou ao seu carro, espalhando o perfume da perseverança e faltando-lhe apenas uma aura que o diferenciasse dos comuns-mortais. Quando a luz verde acendeu, ninguém buzinou. Arrancámos todos com a calma e o umbigo de quem vive rodeado de ilhas por todos os lados.

Ilhéu das Lagoínhas | PEDRO SILVEIRA **#CADERNETA DE NUVENS**

A BANHOS NO FAIAL

CARLA DÂMASO

Ir a banhos no Faial pode ser uma escolha difícil, mas temo-los para todos os gostos!
Para os que preferem um areal, a escolha é mais limitada, mas temos três pérolas, todas diferentes e todas preciosas:
A Praia de Porto Pim, uma formosa baía, muito abrigada e com águas mansas, em plena cidade da Horta. A Praia do Almoxarife, na freguesia homónima, com um mar mais revolto e que proporciona os mergulhos com a mais bela vista do mundo – a montanha do Pico, mesmo ali em frente!
E, finalmente, a Praia da Fajã, na Praia do Norte, com o seu extenso areal e onde, em alguns dias, para além de mergulhos, podem ainda apanhar-se as melhores ondas da ilha!
Para quem gosta de mergulhar em piscinas, sejam naturais, sejam azuis, o difícil é fazer tudo num só dia.
Para mim, que gosto mais das poças naturais, o itinerário perfeito começa com um mergulho matinal na Poça da Rainha, bem próximo da Horta. De seguida, é rumar ao Norte e fazer uma paragem longa no Porto do Salão, com as águas mais cristalinas da ilha do Faial. Aconselho um piquenique mesmo ali no parque de merendas, antes de rumar ao extremo Oeste da ilha. Aqui, no Porto do Comprido, preparem-se para usufruir do cenário do Vulcão dos Capelinhos e de uma piscina profunda, a lembrar o mergulho no azul, ideal para banhos até ao pôr-do-sol, mesmo ali em frente. Na minha opinião, o melhor sítio para banhos do Faial... quiçá do Mundo! ●

Porto do Salão

Porto do Comprido

Praia de Porto Pim

✱ Texto escrito de acordo com a antiga ortografia

Dos sinais | BÁRBARA LOUÇÃO

PERMANECER AQUI É COMO UM REGRESSO

VÂNIA CHAGAS

Nesta casa que fica na linha que une a ilha ao mar entra, por vezes, o cheiro do vento bravio que desceu a encosta trazendo consigo o verde das terras, o acre das raízes que a compõem. Leva tudo isso para o mar que se revela nas janelas, que se expande através delas até chegar por sua vez a um qualquer peito no qual se recolhe.

Aqui, neste recanto do Corvo, pode ser meu o peito que se oferece ao mar. Porque aqui o decompor dos dias permite a languidez do tempo, um sossegar do frenesim supérfluo que não transporta em si a passividade, mas sim o transpor da criatividade. Como se a poesia estivesse sempre presente, apta a ser colhida – e escolhida.

Viver no Corvo, neste permanecer sem intermitências de quase um ano, num balançar conjunto de duas pessoas que acolheram em si a ilha, permite-me ter a audácia de falar dela como já sendo minha, num encanto que transborda para o demais pontilhado ilhéu – para o tanto que ainda anseio por (que preciso) conhecer. Escolher estar aqui traz em si também essa responsabilidade, a de preservar e conhecer cada vez mais isto de ser ilhéu, açoriano, atlântico, corvino.

Tenho na sala uma fotografia de infância onde sorrio no meu vestido rosa com pássaros alados – vejo no meu olhar feliz uma simplicidade que no acto de crescer se foi debatendo com o torpor citadino e o fulgor breve do anonimato. Percebo agora que este retorno a uma simplicidade dos dias era cada vez mais aguardado e que isso foi encontrado e abraçado na acalmia corvina.

Escrevo no relento do cair da tarde, no dourado de uma luz que invade as rugas da chaminé vizinha. A ilha defronte é cortada pela torre da igreja e por linhas de sombra. O som dos garajaus interrompe o das vozes ainda no cais. Começa a

impor-se pouco a pouco o silêncio da noite, onde serão incautos apenas o grito dos cagarros e o bulir das ondas.

Sei que no Outeiro aguardam já os mais velhos sentados nos degraus ao longo do largo. Ao chegar é possível ouvir o seu cochicho sorridente. São muito poucos, mas estão lá sempre ao lusco-fusco. Caminhar até eles para ouvir as suas histórias de quando aquele largo se enchia de corvinos é um dos privilégios de estar no Corvo. Existe muita dureza nas coisas antigas que estes quase contadores partilham, mas também um brilho no olhar ao relembrar o passado, as idas a pé até às terras de cima, as folhas do milho que picavam as mãos, as rodas de mulheres no acto de fiar a lã, as corridas nas pedras quando o mar lhes roubava as lapas, as intempéries que não impediam mesmo assim que, por exemplo, as mulheres saíssem de barco para parir noutras ilhas.

* Texto escrito de acordo com a antiga ortografia

Gosto de ouvir pedaços de histórias sobre a casa onde vivemos agora – sobre o casal Florinda e António, os seus trejeitos corvinos. No muro exterior do pátio permanece a inscrição 'L.F.J. 1963' talhada pelo único filho de ambos – como um tesouro deixado por quem outrora respirou estas paredes. Isso acalenta a vivência aqui.
Tal como os passos dados pela manhã no caminho da padaria e os bons-dias que todos compartilham ao se cruzarem em busca do pão diário. Nessas manhãs, quando o céu está limpo, mira-se o sol a crescer na ponta da Rocha e a quebrar no topo das casas da Matriz, que ficam expostas na sua própria nudez de pedra. Se chove, o negro do mar entorpece com a sua beleza brusca, o seu estertor de coisa antiga e fera. E sempre os estorninhos teimam em chilrear no fio que liga as casas, tal como todos teimam nesse 'bom dia' que parece tantas vezes transportar em si toda a ilha.
Lembro-me dos primeiros dias aqui já nesta casa que é nossa, numa robustez diversa das primeiras passagens pelo Corvo. De como os grilos se ouviam no miradouro defronte e se conheciam já as vozes de quem passava na rua. O som do mar, sempre imenso. Falam-me (os de fora, por vezes os daqui) dessa imensidão como de um limite que tranca – para mim, é uma liberdade (das muitas que encontro aqui). Sinto que o mar recebe a ilha, a circunda num aperto de amante, empresta-lhe o seu cheiro salino – e isso decompõe o meu tempo. O mar não me assusta, sei que me trará sempre de volta.
Penso como será quando os mais velhos partirem. De quem ouvirei falar do Corvo antigo, porque é também isso que me incentiva a querer trabalhar por este Corvo presente e agora meu. A ilha é digna disso – daqui advém a minha acalmia que permite criar. Morreu já o homem que nos dizia a todos que "o mundo não acaba aqui, começa aqui" – e a perda foi dolorosa e quase incompreensível o acto de descer à terra um coração que amava a sua ilha. Será igualmente brusco o sentimento quando desaparecem os outros, por isso sorvo em golfadas tudo o que me querem contar. Odete, Pedro, Celeste, José Maria, Raúl, Maria José, Agostinho.
Estar aqui é aprender aos poucos as tramas das Festas do Espírito Santo, sentir o cheiro do bodo de leite, as vozes em surdina que rezam o terço no Império ao abeirar da noite, beijar a coroa que passa pelas casas, saber quem bordou as pombinhas vermelhas que bailam na bandeira no topo do largo. Ir em busca da procissão e ver o olhar das meninas que se vestem de rainhas, ouvir a banda defronte à igreja num jeito de

oferenda. Fazer parte dessa alegria.
Aguardo conseguir participar nas Festas de Nossa Senhora dos Milagres, num ano em que a festa seja completa. Ir pelas ruas colocar pétalas no tapete que as mulheres desenham e oferecem à santa – efémero, mas tão das mãos delas. Mãos que já me ensinaram tanto. É para mim quase poético o labor das mulheres corvinas, o seu acerto com os dias, a sua força. Aprendo com elas a não esmorecer, a prosseguir sempre, a tomar a dianteira da própria vida.
O Inverno foi transposto, na sua chuva contínua, no seu vento que clamava nas janelas, no bramido espumoso da ondulação. Usa-se essa invernia para a imaginação introspectiva. Para os livros. Para a medição dos sonhos. É um Inverno atlântico que deixa um sabor a sal na boca. Espanta, mas apaixona. Quem atravessa esse tempo na ilha, atravessa tudo. Fica para tudo. Tempo. Porque no Corvo existe tempo. As horas projectam-se nos dias como promessas desse tempo que se escapulia das mãos no furor de uma cidade que definha. E conseguir respirar. Não apenas esse acto físico que nos sustém, mas sim o acto quase mágico que permite o sonho. Pode ser apenas uma ideia encantatória, mas aqui, nesta ilha, sinto que o tempo expande o sonho.

Por vezes, lá de longe perguntam o que se faz aqui tanto tempo no mesmo sítio. A resposta é fácil: vive-se. Abre-se o peito ao cheiro das hortênsias molhadas ainda da chuva tardia. Ao negro da pedra dos palheiros que povoam as terras acima da vila. Às vozes que passam defronte do pátio aberto à rua e que param para conversar no muro. À lenha crepitante do forno onde fervem as torradas e as memórias. Abre-se o peito mesmo à evidência que aqui todos sabemos de todos – e isso não assusta, é apenas um resquício arquitectónico: janelas ante janelas nas canadas estreitas. Somos poucos, isso basta para nos olharmos.
Viver em acalmia permite admirar as variações da luz naquela rocha junto ao mar que miro daqui, permite estar a escrever este texto enquanto ouço chegar da sala os restos de uma música antiga que embala o outro vivente que comigo se deixa encantar pela ilha, o ombro onde me aninho e repouso.
Os nossos livros estão a caminho do Corvo pelo mar alto e há nisso também poesia, páginas que chegarão com cheiro marinho. Reavivo as palavras de Natália Correia: "A partir de agora, se alguém me quiser encontrar, procure-me entre o riso e a paixão".
Procure-me na ilha.

UM DIA NO PICO

DAVID BORGES

O Pico é terra de montanha, de baleias, de grutas, de vinhas, de vinho e de muita natureza intacta que pode ser vivenciada numa imensa rede de trilhos e sentida em paisagens de cortar a respiração.
O Pico é, também, uma ilha de gente afável que sabe e gosta de receber e partilhar. Por isso, não se espante se for convidado para se sentar à mesa e provar uma bebida típica numa das imensas 'adegas' (casas de veraneio) espalhadas um pouco por toda a ilha.
Em opção à inesquecível escalada ao topo da montanha, o ponto mais alto de Portugal, pode começar o dia no centro da vila baleeira das Lajes e aventurar-se numa experiência de fortes emoções para observação de cetáceos.
A viagem de duas a três horas vai permitir aproximar-se de baleias e golfinhos de várias espécies e tamanhos.
Os cachalotes são as que surgem em maior número, mas pode encontrar uma baleia de bossas, uma baleia comum ou uma sardinheira. Se estiver em maré de sorte ainda corre o risco de conhecer de perto o maior mamífero dos oceanos, a baleia azul.
Ao regressar a terra, pode completar a aventura baleeira com uma visita ao Museu dos Baleeiros, o mais visitado dos Açores e o único em Portugal especializado na baleação artesanal, estacional e costeira, que nos faz recuar ao tempo da heroica saga da caça à baleia.
Após o almoço atravesse a ilha pela Estrada Transversal rumo a São Roque e se ainda estiver interessado em aprofundar o conhecimento sobre a temática baleeira, vai encontrar a antiga Fábrica da Baleia Armações Baleeiras Reunidas, Lda, hoje transformada em Museu da Indústria, com muitas histórias sobre o desmanche, a produção e a comercialização de derivados.
Já que está a norte, aproveite para conhecer o Lajido de Santa Luzia. Ali vai descobrir um vasto património edificado de vinhas, casas solarengas, adegas, rilheiras e poços de maré, associado à época áurea da produção da vinha e exportação do famoso vinho do Pico.
Todo esse património modelado pelo Homem ao longo de séculos foi classificado em 2004 pela UNESCO, sendo um testemunho vivo de uma atividade outrora muito ativa e que hoje começa a ganhar nova vida com a reabilitação de inúmeras vinhas abandonadas.
No Lajido pode visitar a Casa dos Vulcões, que permite conhecer e compreender melhor o vulcanismo açoriano no simulador de sismos e viajar ao centro da Terra na cápsula sensorial.
Se prosseguir viagem até à Madalena, não deixe de entrar no Museu do Vinho para conhecer a antiga casa conventual dos Frades Carmelitas

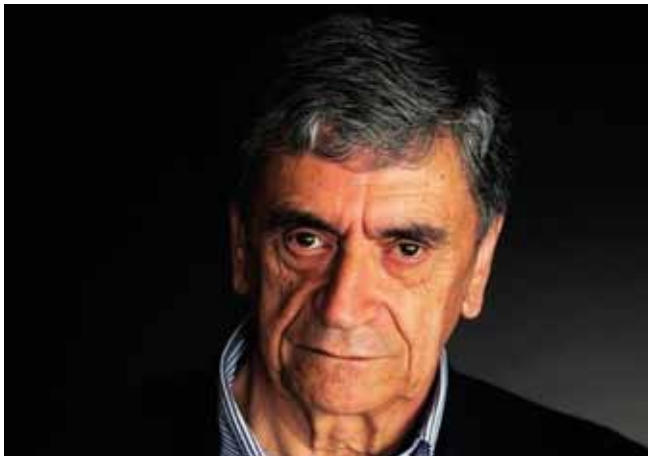
e as histórias que tem para contar, bem como a secular colónia de dragoeiros, uma das maiores existentes no mundo.
Pelo pôr do sol dirija-se ao núcleo da vinha da UNESCO do Lajido da Criação Velha, onde pode percorrer trilhos, canadas e apreciar um gigantesco rendilhado de currais de pedra negra edificados pelo Homem, com a altura ideal para proteger a vinha da maresia e deixar entrar o sol necessário para a maturação das uvas.

Um pouco por toda a ilha vai encontrar locais de fácil acesso para mergulho e relaxar no Oceano Atlântico, tanto nas poças no meio das pedras vulcânicas ou diretamente no mar.
Aproveite ainda para provar a gastronomia num dos muitos restaurantes à sua escolha, acompanhado por vinhos locais, de preferência brancos, que se caraterizam pela sua salinidade, acidez e sabores frutados. ●

Nascimento de uma nuvem | GUSTAVO FERNANDES **#CADERNETA DE NUVENS**

O CARTEIRO DE SÃO MATEUS

ÁLVARO LABORINHO LÚCIO



Aquela não é uma hora boa para chegar. Com o sol a ensaiar a despedida, ainda longe da queda para lá do horizonte, os raios agarram-se aos olhos de quem o enfrenta e turvam a visão de quem perscruta os detalhes da terra na sua junção com o mar. Não foi, pois, um bom momento para a chegada do *Poeta* e, no porto, por entre a azáfama que traz o entardecer, o que ele viu foi um homem pedalando entre as casas, chegando-se às embarcações, sustendo aqui o andamento para logo o retomar em busca de outro destino. O Carteiro! Exclamou, para si, surpreendido, o *Poeta*. Aquele boné de pala dura, o casaco aberto que o vento enfuna. É ele. O Carteiro. E logo a baía se desenha a seus olhos, igualzinha àquela outra que os seus olhos lhe gravaram na memória, lá longe, numa ilha perdida no Mediterrâneo.

Mário! Gritou. Mário!

Ali, do entardecer ao cair da noite, vai o tempo de uma distracção, e a bruma, até então à espera do trambolhão do sol, mal termina a faina, logo avança afastando o mar das vistas de quem chega, até ela se transformar em nevoeiro. É um porto pequeno, como pequena é a povoação que escorrega até chegar a ele. Cercado pelo casario e pela pedra de lava, despejando para as águas as embarcações que repousam sobre a rampa que nelas mergulha junto ao cais, o porto é o lugar de todos os sons, de todos os sonhos, o lugar de todos os lugares.

O Arquipélago está pejado de lugares assim. Pequenas enseadas, calhetas, onde o oceano ora vem repousar, ora vem bramar, naquela sua constante peregrinação entre o terno, o dócil, o amoroso, e o bestial, o aterrador. Mas ali, naquele recanto que Angra deixou escapar-lhe, nasceu

um tesouro, pequeno de tamanho, imenso na imaginação que convoca, nos sonhos que desperta.
São Mateus!
Não é só aquilo que se vê, de dentro para fora:

«… algumas casinhas e um abrigo formado por rochas vulcânicas. Pesca-se à linha e em barcos que levam de cinco a seis tripulantes, o congro, a abrótea, a moreia, a lagosta, a cavala com um anzol mais pequeno, e a sardinha com a rêde que se chama cercado e que se arrasta para a terra até meter a pesca debaixo dos varais»;

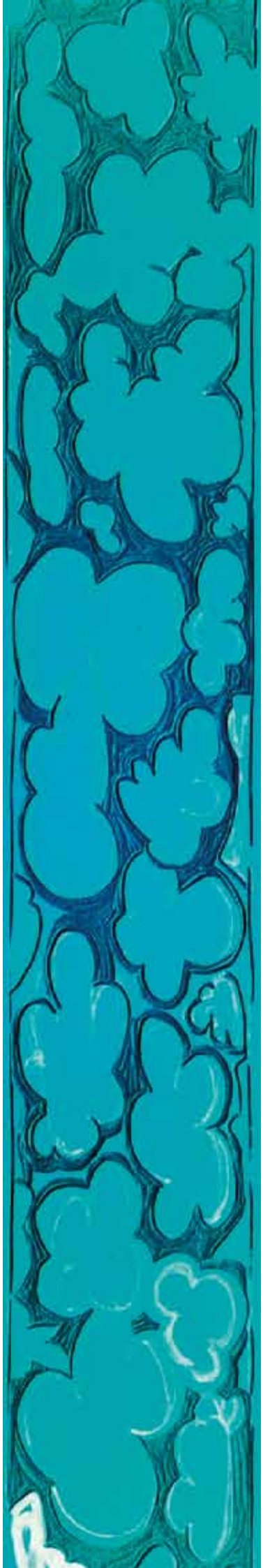
é, também, aquilo que, de fora para dentro, deixa que cada um veja como se acha capaz de ver:

«Quando baixa o nevoeiro, sem mar à vista, a ilha deixa de ser ilha. Desprende-se a ilusão do real. Da própria consciência de si. E transforma-se num lugar furtivo, num intervalo a convidar à efabulação […] Do nevoeiro, escondendo o mar da ilha e roubando a ilha ao mar, brotam arlequins, duendes, feiticeiros de almas. Mitos. Velhas lendas. […] O mar, escorraçado pelo nevoeiro, sai de cena. Toda a verdade fica do lado de lá».

É, então, esse, o tempo dos poetas. Do *Poeta*. Daquele que chega, e acaba de envergar as vestes de Neruda.
O Carteiro de São Mateus! Volta, ele, a exclamar. E parte, à procura de Beatrice, como procura o homem que viu a pedalar, girando de um lado para o outro.
Vinho-de-cheiro, aqui. Bagaceira, acolá. Um chicharrito frito, frio, ou de escabeche, uma morcela de Santa Maria, um queijinho fresco, avermelhado em pimenta da terra, a massa sovada. Vai de tasca em tasca. Pergunta. Ninguém conhece Beatrice.
Indicaram-lhe, por fim, a Adega. Talvez aí, no Largo da Igreja de S. Mateus da Terceira.
E lá está ela. Atrás do balcão, à entrada. Jovem. Com um sorriso de espera. Isabel. Responde assim à pergunta do *Poeta*. Beatrice, ouve ele.
E apresenta-se. Pablo. Vem pelas Lapas, diz. Quere-as pequenas. Atravessa o corrimão das mesas. Olha as paredes, testemunhas de muitos passados. Senta-se ao fundo. No canto. Chegam-lhe as Lapas alinhadas sobre a grelha, a pedirem dedos que façam de pinças que as libertem e lábios sequiosos que não se neguem a sorvê-las com mal disfarçado ruído.
– E, para beber? – Pergunta ela.
Das curraletas do Pico traz o *Poeta* a frescura do branco e pede, sem hesitar. Bebeu-o noutro entardecer, a acompanhar a saga do baleeiro, servida à mesa, nas palavras de Dias de Melo. Bebeu-o, noites dentro, escutando o balouçar das ondas no balançar da vida, o ir e voltar, o ir sem regresso, as Américas do outro lado da caça. A força das raízes. Ali, é à pedra que as raízes se agarram mais, e quem nasce no Pico, nunca parte sem regresso. Longas são as conversas. Romana Petri. Também ela, com *Regresso à Ilha*. É nisso que o *Poeta* pensa quando, à porta da Adega, assoma o Carteiro. Beatrice-Isabel está fora de cena, adiantando o pedido que trará a abrótea par dar seguimento às Lapas, dispensados que foram o lírio e o boca-negra.
À entrada, logo à esquerda, a mesa alongou-se para receber os comensais. Vêm de fora. São os senhores das metáforas, também elas ilhas no meio das palavras, com os seus sóis e nevoeiros, as suas brumas, os seus sons. Vieram de outros tempos e de outros lugares. Muitos são gente da Ilha. Novos e velhos. Nemésio, Emanuel Félix, Álamo de Oliveira, Joel Neto, Rui Rodrigues, Marcolino Candeias e outros tantos, todos unidos no abraço aos convidados. Falam alto. Ouve-se o que dizem:
– A Graciosa é a Ilha, em todo o mundo, onde há mais pianos por habitante.
Lá de dentro, da cozinha, ouve-se cantar. *Morte que mataste lira*. Credo, mulher! Isso, não. *Olhos Negros*! Ou, então, *O Bravo*. São palavras de bastidor. À frente, na mesa, é ainda de música que se ouve falar, mas para dar outras aptidões aos convidados, gente de outros tempos:
– Cento e duas bandas filarmónicas; sessenta e oito grupos folclóricos; quarenta e três grupos de teatro amador. É obra!
Admiraram-se os convidados. O Príncipe Alberto. Ele, que tanto sabia do mar. Admirou-se menos Raul Brandão, mais ligado às coisas da terra. Já não se admirou Tabucchi, viajante de muitas terras e de muitos mares.
Há um forasteiro, isolado noutra mesa, que faz ouvir a recordação que guarda de outra vinda, para o Carnaval na Terceira, e da conversa com o taxista que, terminada a folia, o devolveu ao aeroporto:
– Diga-me – perguntou – quantos *Bailinhos* houve este ano?
– Cinquenta e quatro, senhor.
– Ena! E quantas pessoas se envolvem nos *Bailinhos*?
– É para aí metade da Ilha, senhor.
– Então e a outra metade?
– A outra metade, senhor, vai ver os *Bailinhos*.
– Mário! – disse o homem. Diante do *Poeta*, quando este, distraído com a conversa alheia, só

agora o via, de pé, à sua frente e lhe perguntava pelo nome.
Tal como Mário Ruoppolo, o outro, também este trazia «os sons das pessoas, da natureza, e da vida na ilha». Da vida nas ilhas. Tudo gravado. Para enviar ao poeta. Ao outro. Eram *Os Sons Primitivos da Terceira, de São Jorge e do Corvo*.
A mulher que corre atrás das galinhas, zangada com elas; a roda do carro puxado a boi, a marcar o compasso; o mando do pescador, na recolha das redes, a fazer de tenor.
Da mesa grande chegava o nome de Francisco Lacerda, alguém falava da viola da terra e não faltava quem sonhasse com um Béla Bartók, para projectar os sons genuínos das Ilhas até aos horizontes sofisticados da música erudita. E todos acordavam nesse friso constante de uma cultura profunda gravado a fogo na História Açoriana, talhada entre o Céu e o Inferno e para cuja gente a fé, a crença, a festa e a cultura foram, e são, alimento, esperança e futuro. O *Poeta* sabe-o bem. E, por isso, deixa-se sentir o que sonha, como se o sonho fosse, ali, apenas uma outra face da realidade.
Das Lapas, não havia já rasto. Para a Abrótea, o *Poeta* pediu outro talher. E fez sinal a Mário para que se sentasse e o acompanhasse na refeição. Pablo! Apresentou-se. Mário já o sabia. O açoriano identifica mais depressa um poeta do que um doutor. E, também ele, quis ouvi-lo:
– «Para escrever poemas basta deambular pela praia, onde as metáforas ocorrem automaticamente». Era ainda o *Poeta* a ensinar o Carteiro a conquistar Beatrice. Mário apenas sorria. Sabia que a madrugada ia carregar o nevoeiro e que este, depois de repousado sobre a ilha, iria, então, levantar-se e dar lugar ao sol. E o sol viria lentamente, afeiçoando os olhares à luz suave da manhã. A ilha voltava a ser ilha. São Mateus acordaria apenas São Mateus da Terceira. Em São Mateus não havia carteiro.
O *Poeta*, que não tinha nome, ia deixar a Adega. E ouviria, à saída, Isabel despedir-se de Mário:
– Adeus, Isabel! – Diria ele.
– Adeus, Jorge! – Diria ela.
Nas mãos, o *Poeta* conservava o CD com os sons primitivos açorianos. Caminhou na noite. Na noite de São Mateus ninguém se livra de ser poeta. E ele teimou. Era o CD a prova de que Jorge era Mário e de que Mário era o Carteiro de São Mateus. E deixou-se deambular como se se perdesse correndo atrás das galinhas, no Corvo, ilha remota, onde um velho cabo do mar o esperava para o confrontar com a dúvida da verdade do que via.
Nove de Junho. Dia da Europa. O Corvo fora escolhido para local das comemorações. E vieram todos. Políticos. Académicos. Altos Magistrados. Militares. Gente de outras bandas e outros saberes. Na Ilha, mal chega a comitiva, todos são comitiva. A missa vai receber quem chega de fora, e a igreja dá-lhe a esquerda para se sentar. A direita é reservada aos corvinos. Elas, as mais cansadas, recolhem-se nos lenços negros; eles, de pé, marcam o poder no território. Do altar, o Padre celebrante lamenta a retirada do Cristianismo do preâmbulo da futura Constituição Europeia. Os corvinos olham, de soslaio, para a esquerda. Os da esquerda olham para o Santíssimo, lá ao fundo, no altar.
O almoço reconcilia todos.
No meio do povo circula Jean Pierre. É jovem. Suíço de origem. Neutral, portanto. Está ali como prenda de família a louvar a licenciatura concluída. Uma ilha no oceano, tirada à sorte, durante quinze dias. Foi o que escolheu. Saiu-lhe o Corvo. Tal como o Cristianismo, também ele estava fora do preâmbulo da Europa. Nada que o excluísse do almoço.
Os grandes nomes ficaram para a sessão solene, no salão nobre dos Paços do Concelho. Jean Monet, Robert Schumann, outros, todos acorreram aos discursos de Políticos e Catedráticos, perante o sorriso instalado nos rostos atónitos dos presentes. Que mais Europa poderia imaginar-se ali?
E o *Poeta* partiu para São Miguel, na certeza de que Mário e Beatrice não tinham sido uma simples ilusão.
Esperava-o o *Encontro dos Poetas*. Natália, Antero, Roberto de Mesquita, Pedro da Silveira, Vasco Pereira da Costa, João de Melo, Daniel de Sá, Martins Garcia, os que vinham do jantar de São Mateus, e tantos mais. Na Capital. No extremo da Europa. Nesse lugar mítico, onde vulcões e sismos, festas e lutos, agnósticos e crentes, letrados e não letrados criam uma cultura densa de valor estético, antropologicamente significante, erudita na qualidade do que cria. São eles *Os Romeiros* do futuro. Traziam a sua palavra.
O *Poeta* ia falar do sonho.
Escolhera, como tema, *O Carteiro de São Mateus*.

Coimbra, Outubro de 2021



Nas nuvens | JOÃO DECQ

O DRAGÃO ADORMECIDO: ITINERÁRIO

MAURÍCIO DE JESUS

A ilha com nome de São Jorge, conhecida por muitos como a ilha do Queijo dos Açores, como a ilha das Fajãs, também como o Dragão Adormecido, a ilha de Francisco de Lacerda ou de Guilherme Van Der Hagen – um músico, outro povoador.

Chegando à Vila das Velas de avião ou de barco certamente notará o castanho basáltico da ilha. Contemplar o Faial e o Pico num espaço como o Cantinho das Buganvílias é uma imagem que poderia constar de um sonho, algures numa noite de primavera ou de outono, neste presente a que sou fiel, a minha ilha de São Jorge.

Sentir o campo e o mar, o sal e a terra, numa Fajã como a do Ouvidor (onde se situa a Poça Simão Dias), a Caldeira de Santo Cristo (onde se situa a Lagoa e as amêijoas) ou a dos Vimes (onde encontra o café produzido na ilha), onde poderá viver a aventura, o sossego e também a calmaria que a ilha oferece, com a possibilidade de simplesmente sentir na pele o Oceano Atlântico, num mergulho épico. Em algumas destas fajãs, entre as 70 e tal que existem em São Jorge, pode reparar nas vinhas, nos difíceis acessos, nos vários trilhos e, acima de tudo, na simplicidade de muitos que lá trabalham as terras para, nas várias estações do ano, recolher o "pão nosso de cada dia", fruto do seu trabalho. Nestas, haverá várias escolhas para conviver. É o caso das adegas, dos espaços de restauração, ou poderá sempre provar o atum de Santa Catarina num formato simples e humilde, de valor e com caráter, experienciar o triângulo açoriano de mochila às costas.

O museu Francisco de Lacerda, na Calheta, ao lado do Cais, os núcleos museológicos, como é o caso dos Rosais, transbordam a cultura jorgense. Na ilha de Lacerda, poderá

© Rui Silveira

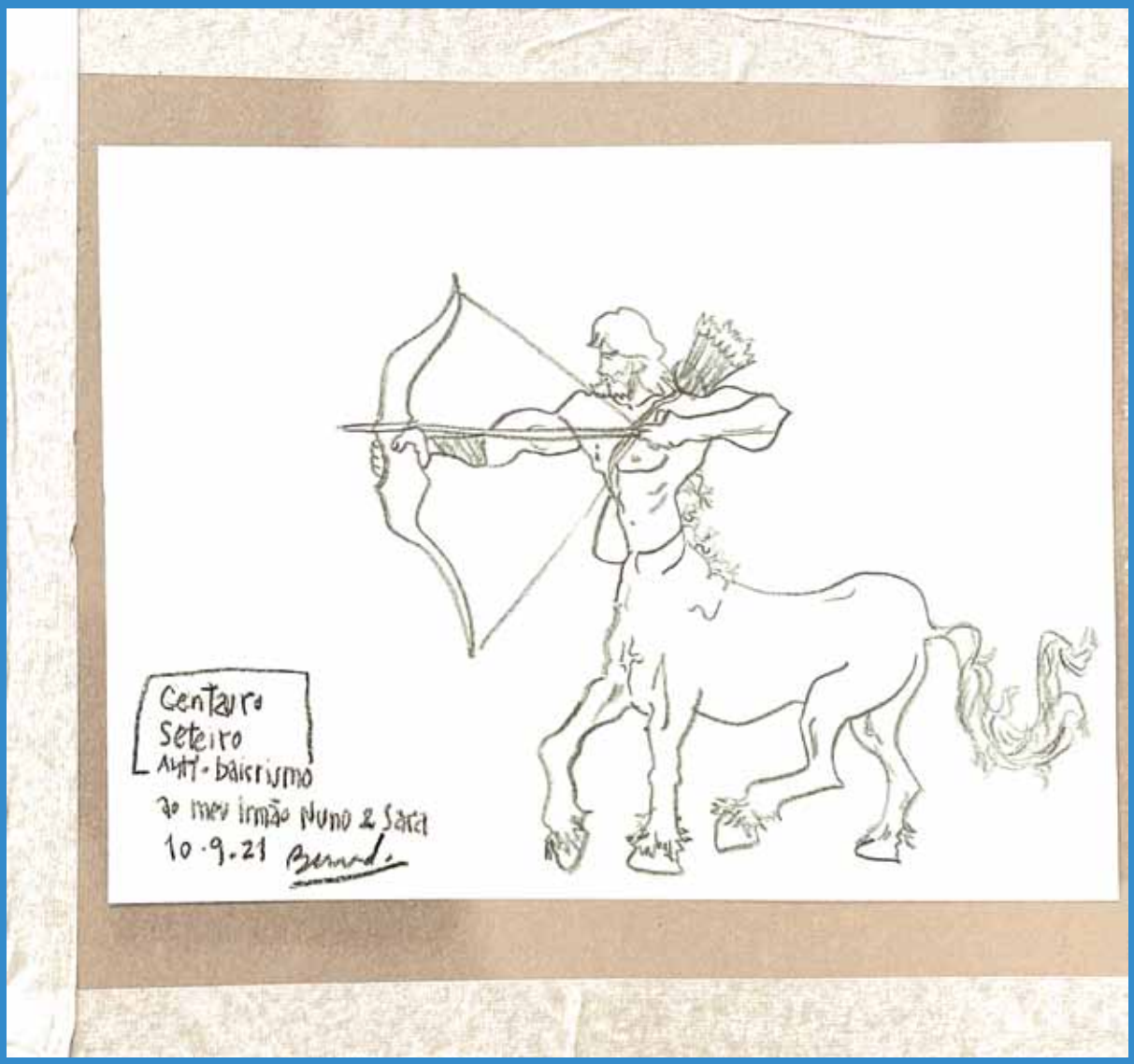
encontrar as Sociedades Filarmónicas que animam as festas profanas. Em algumas dessas casas poderão reparar na data da fundação e encontrarão a mais antiga dos Açores, a União Popular, na Freguesia da Ribeira Seca, concelho da Calheta. Uma outra sugestão cultural é uma visita ao Ateliê do Pieter Adriaans, em Santo António, no Norte Grande.

O culto do Divino Espírito Santo demonstra a devoção da ilha, embora cada freguesia ou sítio tenha as suas maneiras e costumes. Esta manifestação religiosa traz da diáspora várias famílias para pagar promessas na sua terra natal, bem como pessoas da própria ilha que elevam a sua fé, durante várias semanas após a Páscoa, numa época caracterizada pela partilha e, acima de tudo, pela ajuda de muitos devotos. Como músico amador, tenho na minha memória os melhores momentos de fé nesta ponta da ilha. Estas celebrações são antigas e muito respeitadas em São Jorge. Algo digno de ser visto.

Pode fazer uma visita às fábricas da ilha, por exemplo às que produzem o Queijo de São Jorge, presentes nas freguesias de Santo Antão, na

fotos © Rui Silveira

Ribeira Seca, e também na Beira. Por outro lado, depois de saborear o campo, prove o mar com uma visita à fábrica de Santa Catarina, na vila da Calheta.
O lazer e a aventura estão presentes na ilha. As empresas 'Aventour Azores', 'Discover Açores', 'MarAzores Sal & Sonhos' e 'ViaMar' são algumas que, na terra ou no mar, lhe poderão proprocionar uma volta à ilha, descer uma cascata, ou outra atividade que lhe vai tirar o fôlego de tanta adrenalina. Seguindo para a Ponta de Guilherme da Silveira ou de Van der Hagen, irá passar pela serra do Topo. Com nevoeiro, chuva, frio, não deixará de ver e de sentir o esverdeado e a manta de retalhos que os pastos agrícolas proporcionam. Uma maioria de animais brancos e pretos e outros vermelhos compõem esta peculiar e bela vista, que caracteriza a ilha e mexe com a economia.
Antes de chegar a São Tomé, irá ver uma placa a dizer Fajã de São João. Se for antecipadamente, poderá marcar um almoço no Ginjal, onde a Sra. Rosa Durvalina o presenteará com um dos almoços mais típicos e regionais que irá conhecer por cá.
Depois de subir a ladeira, ao vir para baixo, passará por São Tomé. No Cruzal, poderá ver a cascata deste cantinho. No Topo, na pontinha, irá ver o ilhéu, o único dos Açores, penso eu, que ainda é privado e que serve para alimentar as ovelhas e vacas que passam lá o ano, com as devidas condições. O bem-estar animal é isto, ter uma "ilha" só para si, sem carros, motas e com a companhia dos cagarros e gaivotas. Logo ao lado, pode dar um mergulho na piscina da Pontinha. No Farol do Topo, um pouco mais acima, pode visitar e subir até à torre, avistando a Terceira num dia de bom tempo. Há ótimos alojamentos locais nesta ponta da ilha. Procurando no AirBnb, verá as possibilidades para desfrutar de uns dias de descanso neste 'cantinho do céu'.
São Jorge encanta-me todos os dias. Não penso em como é viver em Boston, em Lisboa ou em Toronto. Sinto-me feliz, diariamente, ao acordar e sentir o bater das campainhas do gado aqui ao lado da casa. Ouvir as pronúncias, as aventuras e as histórias de um povo que todos os dias se deita a pensar que, mesmo com dificuldades, é melhor ser ilhéu. ●



Centauro Seteiro | BERNARDO RODRIGUES

ESTOU BEM. CHEGUEI.

DIOGO OURIQUE

Erivaldo era um daqueles homens indecifráveis que passavam os dias no adro da aldeia. Havia quem o chamasse maluco, mas aqueles que realmente o conheciam sabiam que a questão não era assim tão linear. Era preciso lidar frequentemente com Erivaldo para conseguir entrar no mundo de Erivaldo. E, ainda assim, alguns recantos permaneciam intocados; puros, até.

Um homem de uma enorme inocência, era por isso provocado pelos chicos-espertos que com ele partilhavam um balcão ou a mesa do café. O tema preferido deles era a "outra ilha". Sempre que lhe perguntavam o seu histórico de viagens, Erivaldo dizia que já tinha visitado praticamente todas as ilhas, e que só lhe faltava uma.

– A Graciosa? – perguntavam alguns.

– As Flores? – arriscavam outros.

– Não. A outra – insistia o homem.

Quando lhe pediam para explicar onde ficava essa tal "outra ilha", Erivaldo apontava para um espaço incerto no horizonte, onde não se via nada para além de mar.

– Não a vêem ali, ao fundo?

E, normalmente, acabava por ali a conversa. Ninguém sabia o que mais dizer. Por muito que tentassem explicar a Erivaldo o mapa exacto do arquipélago, o homem mantinha-se firme na ideia da existência da "outra ilha". Se calhar tinha sonhado com aquilo, ou talvez tivesse acreditado nos boatos frequentes de uma erupção vulcânica que criaria uma décima porção de terra nos arredores. Fosse qual fosse a razão, ninguém conseguia dissuadir Erivaldo. A "outra ilha" existia, e ele ia visitá-la, eventualmente.

Um dia, olhando para o mar, ao nascer do Sol, algumas pessoas da aldeia viram um vulto a saltar para uma pequena lancha e a zarpar

© César Miguel Cota

pela linha do horizonte fora. À medida que o veículo rasgava a água salgada e se tornava progressivamente mais difícil de se discernir, chegavam todos à mesma conclusão:

– Só pode ser o Erivaldo!

Não mais na aldeia se ouviram novidades sobre Erivaldo. Foi tido como desaparecido e como morto, como maluco e como herói. Não se sabia se tinha chegado a alcançar a tal "outra ilha", que só ele via, ou se se tinha perdido no mar. Tudo o que se sabia é que ninguém tinha real conhecimento do seu paradeiro.

Alguns meses depois, uns quantos miúdos que brincavam com pedrinhas à beira-mar encontraram uma garrafa de vidro com um bilhete lá dentro. Ajuizados, acharam melhor levá-la para a aldeia, para que ficasse à conta dos mais velhos.

Praticamente toda a gente leu aquele bilhete. Correu lares e mãos, olhos e mentes. Ninguém conseguia acreditar no seu conteúdo. Numa letra tosca, que muitos reconheceram de imediato, estava lá escrito:

«Estou bem. Cheguei.
Erivaldo» ●

* Texto escrito de acordo com a antiga ortografia

PEDRAS SOB OS PASSOS FUTUROS

MANUEL MENEZES DE SEQUEIRA

1997. Há uns longos 24 anos, chegámos pela primeira vez às Flores, depois de uma primeira viagem aos Açores, em 1991, em lua de mel. Viemos nós, a Teresa e eu, e vieram o meu irmão Miguel e a Cláudia. Nós em passeio, eles para uma expedição de botânica, pois o meu irmão nessa altura estudava o Holcus lanatus, uma gramínea a que quase ninguém, tirando quem vive da terra ou quem se dedica à botânica, liga alguma coisa. Mochila às costas, foi de táxi que viemos do aeroporto até à Zona Balnear da Fajã Grande, onde então se acampava. Recordo como se fosse hoje o momento em que o táxi começou a descer do Portal para Fajãzinha. Ficou impresso na minha memória para sempre. Não era possível. Aquilo não existia, muito menos em Portugal. Sentimos o que tantos sentiram quando cá chegaram. Os irmãos Bullar, por exemplo, sentiram-no, tendo falhado apenas ao usarem aquele «perhaps» espúrio com que iniciam a sua descrição:

The village [Fajãzinha] is only so far worthy of notice, as being connected with the grandest scenery, perhaps, to be found among the Azores. It stands on the level floor of a magnificent semi-amphitheatre of cliff's, facing the open sea. It is surrounded by green fields and fresh vineyards, well-watered by the numerous streams that flow through it from the hills; and, as we descended the steep zigzag path cut in the southern cliffs, its limits were faintly marked out by the blue curtain of wood-smoke which hung over the cottages. The fires had just been lighted for the evening meal. The setting sun shone up the mouth of the hollow with a soft yellow light, illuminating one side and throwing the other into tender shadow. In one place the sunshine glittered on a thin silvery waterfall, which slowly turned over the edge of the distant precipice, — in another it sparkled through a shower of spray, into which a snowy thread was broken in its long fall from the heights; and, as the soft clouds of vapour, into which other waterfalls dispersed, were wafted to and fro in the light evening breeze, like the cloud of incense from a censer, — it slightly tinged them with gold. Above our heads the hazy cliffs towered in their bold semicircle, diversified in colour by various shades of green, brown, and grey; and, where the ledges of lava which projected through the soil had been wetted by streams and waterfalls, or by oozings from above, by streaks and bands of shining black. The sea in front of this vast theatre was brightly lighted by the sun, which, however, went down soon afterwards behind a bank of heavy clouds, and left the valley and the village, with the cliffs behind, cold and lustreless.[1]

Lágrimas nos olhos, lá descemos, no táxi. Foi o início da nossa exploração pessoal das Flores. Aquela palpitação ao ver o cenário da

Fajãzinha foi amor à primeira vista, paixão que se transformou, gostamos de crer, em casamento. Viemos de novo, em 1999, com o nosso filho pequeno, de um ano. O João aprendeu a andar por cá, na Casa da Esméria, na Aldeia da Cuada. E viemos todos os anos, com apenas duas excepções (uma delas um triste erro), até 2018. Ficámos sempre na Cuada, entre 1999 e 2018, com os inexcedíveis Teotónia e Carlos como anfitriões. Férias passaram a ser nas Flores, com a reserva na Cuada feita no check-out do ano anterior.

Brincávamos, dizendo aos amigos que as Flores eram «o nosso Algarve». Mal eles sabiam… Nessa altura, era raro o ano em que algum familiar ou amigo de Lisboa se aventurava a vir até cá. Nada os demovia do seu Algarve. As descrições entusiasmadas das belezas da ilha que fizemos, as fotos que mostrámos… Nada. Hoje, mais de 20 anos depois, é diferente. Mas não consegui nunca compreender a relutância em vir visitar o paraíso. Modas.

Uma tão grande paixão deu mesmo em casamento. Em 2018, mudei-me para cá, ponta de lança da família. As Flores, que até então tinham sido local de caminhadas, mergulhos, passeios, relaxe, jantares ao pôr-do-sol no quintal da casa da Cuada, tornaram-se local de vida, de trabalho. Embora tivesse tido sempre contacto e amizade com florentinos (a Teotónia, o Carlos, o Celestino, e o David terão sido os primeiros), só tomei verdadeiro contacto com a comunidade e alma florentina a partir dessa altura. Só então a ilha ficou completa, dentro de mim. As Flores e os florentinos, aqueles que construíram ao longo dos séculos a belíssima paisagem e o belíssimo património florentino, a natureza e o humano em combinação perfeita, os bosques, as turfeiras, os montes e vales, as ribeiras e cascatas, os penhascos e falésias, mas também as canadas e caminhos, as levadas e pontes, as casas e palheiros, os maroiços e muros,

ISTO TUDO!

flores de diligência e força
com raízes de tino[2],

como disse Pedro da Silveira no seu poema Terceiro[3], numa definição perfeita do florentino pelas suas obras. Tudo isto flores, sim. História não escrita de um povo que heroicamente, com diligência e força enraizadas no tino, conquistou esta bela mas difícil ilha.

Aqui há um par de anos, as Flores foram com total justiça classificadas como Capital Regional

das Cascatas. São o elemento mais icónico e distintivo da natureza intocada desta ilha. Mas, e a outra parte das Flores, a humana? Esta reflecte-se no seu património, material e imaterial[4]. Reflecte-se sobretudo, no que ao património material respeita, e sem desmerecimento de alguma arquitectura erudita de muito interesse (de que destaco o Convento de São Boaventura, onde se aloja o excelente Museu das Flores), nos produtos da arquitectura e engenharia populares, nos produtos da tal diligência e força, com raízes de tino. De entre este património, há um que se destaca pela beleza, pela extensão, e pelas vistas sobre a paisagem e contacto com a natureza que nos permite: os caminhos. Se esta ilha, quanto a natureza, é a Capital das Cascatas, ela é, quanto ao que é propriamente humano, em integração perfeita com a natureza, a Capital dos Caminhos. São quilómetros de caminhos por montes e vales, ligando freguesias e lugares, atravessando a ilha, dando acesso a moinhos, levadas e fontes, e dando acesso a campos, muitos dos quais, pelo seu abandono, transformados de novo em bosques mágicos.

Há, creio eu, uma ironia na beleza das Flores. Se por um lado ela resulta do esforço humano, por outro lado ela também resulta, pelo menos tal com a apreciamos hoje, da dificuldade de cá viver, que levou gerações de Josés[5] a deixar as suas Beiras[6], como tão bem nos mostrou Alfred Lewis, no seu Home is an Island[7], partindo para «Califórnias perdidas de abundância»[8]. A ironia é essa. A extrema dificuldade da vida florentina, a pobreza, mesmo, levaram a que alguns dos efeitos do progresso chegassem aqui mais tarde. Muito se sofreu para nós gozarmos esta beleza… Estejamos gratos e reconhecidos. Defendamos os frutos desse labor sofrido, começando, mas não

acabando, pelos caminhos. Há que estudá-los, protegê-los e preservá-los. Há que divulgá-los. São uma das maiores riquezas das Flores estas assinaturas florentinas, sofridas e esforçadas, na paisagem. Nestes caminhos «as pedras/são, mais que pedras, a força/de as ter trazido e plantado/ sob os passos futuros»[9], os nossos passos agradecidos.
Não há caminho que resista sem estes passos, presentes e futuros. Sem passos presentes, não há passos futuros: os caminhos morrem. Devagar e em sossego, mas morrem. As plantas chegam, as árvores crescem, as pedras soltam-se, e desvanece-se, na natureza, «a nossa/história./ Que não foi escrita/– nomes de heróis –/nos compêndios», uma história que é «Grande de mais para palavras mortas»[10]. Ou, utilitariamente (e mais que compreensivelmente, note-se), chegam as máquinas, sem passos presentes ou futuros que justifiquem outra utilização. Cobertos primeiro com bagacina e mais tarde com asfalto, reproduzindo a triste história deste património em tantos outros locais de Portugal onde o progresso chegou primeiro, esses caminhos, essa história, têm então uma morte rápida e definitiva. Não sobra senão, talvez, a memória do seu traçado sob o asfalto.
O desafio, pois, é este: caminhemos! Por prazer, sim. Para desopilar, claro. Mas também por amor a este património que é florentino e que é dos florentinos, passados, presentes e futuros. Botas no caminho, cajado ou bastão na mão, contribuamos para que esta história não escrita seja preservada, até que estas pedras dos caminhos, como as «laranjeiras disformes,/ figueiras torcidas/alastrando, subindo», se tornem «mais velhas que a memória/dos mais velhos dos velhos»[11].

Este desafio de caminhar, de conhecer, de proteger, foi-nos lançado pelo Pierluigi Bragaglia, tragicamente falecido a 25 de Outubro do ano passado, faz pouco mais de um ano, aos 57 anos de idade. O seu amor às Flores e aos seus caminhos resultou naquele que é ainda, e será provavelmente sempre, o melhor guia pedestre desta ilha. A sua obra foi recentemente reeditada pela sua família em dois volumes, com organização de Vasco Rosa, e inclui, no livro segundo[12], o seu Ilha das Flores – Açores: Roteiro histórico e pedestre. Recomendo vivamente este livro, mas sugiro, para estas viagens florentinas, a edição original, mais pequena e transportável[13]. É um excelente companheiro, combinando a história, e o Pierluigi era um historiador, com o guia pedestre.
Proponho então dois percursos não oficiais: Fajã dos Cedros e Quebrada da Rocha Alta.
E pronto. Dois percursos para desopilar. Tal como estes, há muitos outros caminhos a visitar nas Flores. Explore. Muitos deles não estão nos mapas mais recentes, embora alguns se encontrem nas cartas militares mais antigas. E, claro, na memória dos florentinos. Mantenha vivos essa memória e esses caminhos.

---

1 Joseph Bullar e Henry Bullar, A Winter in the Azores: And a Summer at the Baths of Furnas, ed. Andreas Stieglitz (Norderstedt: Books On Demand Gmbh, 2007), 341

2 Ênfases meus.

3 Pedro da Silveira, Fui ao Mar Buscar Laranjas: Poesia Reunida, ed. Urbano Bettencourt, 1.a ed., Poesia 1 (Angra do Heroísmo, Terceira, Açores, Portugal: Instituto Açoriano de Cultura, 2019), 138 «Terceiro»

4 O português falado nas Flores, por exemplo, receio que em extinção

5 Alfred Lewis

6 Fajãzinha

7 Alfred Lewis, Home Is an Island, Reprint edition, Portuguese in the Americas 17 (Dartmouth, Massachusetts, EUA: Tagus Press, 2012).

8 da Silveira, Fui ao Mar Buscar Laranjas: Poesia Reunida, 57 «Ilha»

9 da Silveira, 138 «Terceiro»

10 da Silveira, 138 «Terceiro»

11 da Silveira, 138 «Terceiro»

12 Pierluigi Bragaglia, Tosão de Ouro: Açores, séculos XV-XXI, ed. Vasco Rosa, 1.a ed. (Fajã Grande, Ilha das Flores: Família de Pierluigi Bragaglia, 2021), liv. segundo

13 Pierluigi Bragaglia, Ilha das Flores - Açores: Roteiro histórico e pedestre (Fajã Grande, Ilha das Flores: Edição do autor, 2009)

Autorretrato, ilustração digital, 9 cores (9 ilhas) | SÍLVIA ÁVILA

IMPROPRIAMENTE

HELENA BARROS

Quando era eu um ser em formação (talvez tenhamos que o ser ao longo do tempo, independentemente da idade), ainda com poucos anos de vida, sempre que contava uma história, que me englobava a mim e aos outros, a enumeração começava com: eu, a Joana, a Isabel, a Inês, a Rute, etc. A minha avó rapidamente – e constantemente – trauteava esta lengalenga espanhola:

Burriquito delante
Para que no se espante

E com isto, ela ensinou-me que devemos colocar o outro em primeiro lugar. Respeitá-lo. Que um mundo justo é aquele que se pauta por um olhar, não apenas em frente, mas periférico, que englobe a nossa comunidade. E, agora que penso nisso, talvez tenha sido esse o motivo pelo qual, desde sempre, me quis tornar numa profissional de comunicação. Não será a linguagem a nossa maior ferramenta para concretizar esta justiça? Acredito que sim. Acredito que é a Palavra que nos dá o poder de mudar, por via do questionamento que nos provoca ou pela atenção que nos faz ter por determinados temas e conceitos.

A humanidade está à procura de si mesma. E quando vejo que na agenda do dia estão os direitos humanos e, concretamente, a igualdade de género, acredito que há esperança nesta humanidade que procura ser salva. Salvar a humanidade – salvarmo-nos – começa com a integração e necessidade de criação:
"Queremos mostrar os Açores contemporâneos"
"Queremos desafiar o conservadorismo"
Estas são duas frases, afirmativas, do conceito do que é a Imprópria – Mostra de Cinema de Igualdade de Género.
Podia enumerar aqui os vários indicadores que nos mostram o mundo desigual em que ainda vivemos e que nos faz querer continuar esta Imprópria. Mas o horizonte é maior quando o vemos já a navegar, em movimento, e não em terra, sem a coragem de lá chegar.
Corajosamente, em 2019, inspirados no 5º objetivo de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, seis amigos reuniram-se e preparam uma mostra de curtas que destaca o tema da igualdade de género, na cidade de Ponta

Delgada, em São Miguel. Continuamos a navegar: para além de Ponta Delgada, já chegámos a Rabo de Peixe, aos Arrifes, a Água de Pau, aos Fenais da Ajuda e a Vila do Porto, em Santa Maria. Continuaremos nessa viagem: em 2021 desembarcaremos também na ilha Terceira, a par de São Miguel e Santa Maria. Numa terceira edição que, uma vez mais, se associa aos Dia Municipal da Igualdade de Género, celebrado todos os anos a 24 de outubro (fiquem atentos, novidades em breve!).

É um trabalho em rede. É um trabalho que não termina ao vermos os créditos de cada um dos filmes. É um trabalho que prova a importância da cultura como transmissora de conhecimento, de pertença a uma comunidade que se quer mais justa.

Sou mulher. Já fui machista (sem saber que o era). Sou feminista (porque o quero ser!). Sou mulher, mas podia ser homem. Podia não ser nenhum dos dois. O que é que isso interessa neste mundo que se diz aberto e global?

Somos pessoas. Diferentes. E enquanto não percebermos que é nessa diferença que reside a nossa maior autenticidade (individual e coletiva), então, continuará a valer a pena lutar por puxar a âncora que permanece presa aos dogmas do passado. "Puxa a âncora, rapariga!". Puxaremos sempre para que igualdade nunca deixe de ser o respeito pela diversidade, num caminho que tem de ser disruptivo, mas cujo maior desafio é ser, também, integrativo.

O mundo só se tornará mais justo se tivermos coragem de ser Impróprios, de lutar por todos. E lutar não é apenas sinónimo de confronto. Lutar é incorporar, resistir e persistir. Mesmo que canse hoje, valerá a pena acordar amanhã, nesse mundo mais justo. Hoje, entendo que talvez a minha motivação para este mundo justo tenha nascido numa lengalenga contada – repetidamente –pela minha avó. Que nunca nos faltem avós para contar lengalengas com mensagens que devem permanentemente ser repetidas. Ela não queria ser Imprópria, aliás, diz-me que já não tem idade, mas talvez sempre o tenha sido, apesar da pressão do seu passado.

pico do Pico | PEDRO CRAVO FERNANDES **#CADERNETA DE NUVENS**

ROTEIRO NOTURNO NO CORVO

ANDREIA SILVA

ANOITECENDO CEDO
1.ª OPÇÃO:
Pôr do sol no Caldeirão (lagoa); Jantar uma bifana à bombeiro ou uma francesinha no BBC Caffe e Lounge e ficar para tomar um copo;
Passeio até ao outro extremo da Vila, percorrendo as ruas e canadas do Núcleo Antigo e parando no Canto do Rego, junto ao painel de azulejo, de onde se tem uma panorâmica da Vila e onde é possível ouvir centenas de cagarros de uma colónia ali próxima (entre março e agosto é possível ouvi-los);
Observar as estrelas na Praia da Areia;

ANOITECENDO CEDO
2.ª OPÇÃO:
Subir até à zona das hortas de fruto ou zona das quintas, na vertente oriental da ilha, onde se podem observar os morcegos em atividade frenética enquanto se alimentam (crepúsculo) – ainda com alguma luz, ao final da tarde, é também possível avistarem-se galinholas, entre os meses de março e agosto;
Jantar no Caldeirão – Restaurante e Pastelaria, onde se pode assistir ao pôr do sol, com vista para os moinhos de vento e para a ilha das Flores;
Passeio até ao outro extremo da Vila, pelas ruas e canadas do Núcleo Antigo, parando no Canto do Rego, junto ao painel de azulejo de onde se tem uma panorâmica da Vila e onde é possível ouvir centenas de cagarros de uma colónia ali próxima (entre março e setembro);
Tomar um copo no BBC Caffe e Lounge;

ANOITECENDO TARDE
1.ª OPÇÃO:
Pôr do sol na Praia da Areia, depois de um dia de banhos;
Jantar no Caldeirão – Restaurante e Pastelaria, com vista para os moinhos de vento e para a ilha das Flores;
Passeio até ao outro extremo da Vila, pelas ruas e canadas do Núcleo Antigo, parando no Canto do Rego, junto ao painel de azulejo de onde se tem uma panorâmica da Vila e onde é possível ouvir centenas de cagarros de uma colónia ali próxima (entre março e agosto é possível ouvi-los);
Tomar um copo no BBC Caffe e Lounge;
Subir até à Caldeira para observar as estrelas (em agosto ocorre a "chuvas de estrelas" ou Perseidas, que é um fenómeno anual).

ANOITECENDO TARDE
2.ª OPÇÃO:
Fazer uma pescaria de final de tarde (pode ser no Porto da Casa/Porto do Boqueirão/ caça submarina ou pesca desportiva com a empresa Paralelo 39);
Preparar um peixe grelhado no parque de campismo;
Mergulho noturno na Praia da Areia;
Observar as estrelas no parque de campismo; ●

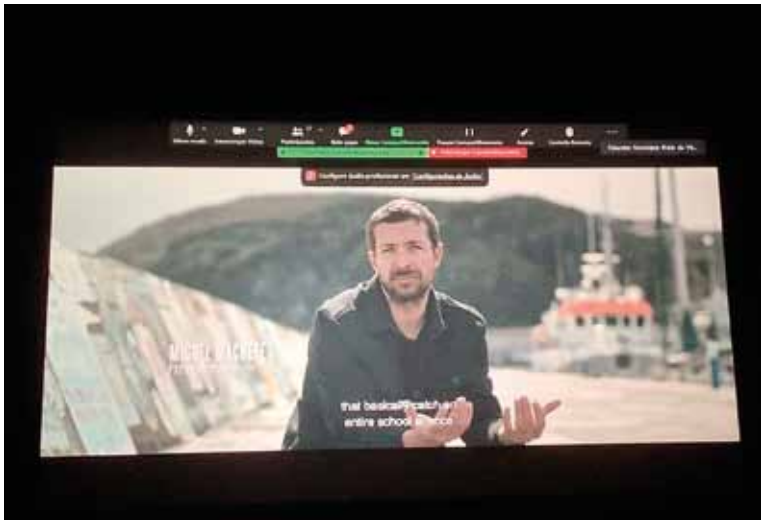
NOTA
Em qualquer uma das opções é possível, às quintas feiras, às 21h00, assistir ao ensaio do Grupo Folclórico e Etnográfico do Corvo, na Escola Básica e Secundária Mouzinho da Silveira.

Colagem | PAULA MOTA

O MAR QUE ME (EN)CANTA

MIGUEL MACHETE

Nasci em Lisboa. No meio da cidade.
O mar não passava por essas bandas (parece que continua a insistir em fazê-lo) e o único reservatório de água que tinha por perto, com volume apresentável, era mesmo a Fonte Luminosa. Aquela no topo do lado direito da Alameda, se a referência for, perceba-se, a porta do prédio que eu habitava. Não foi por isso um amor crescente à vista desarmada, mas antes um encontro fortuito e indelével. Divagando, recordo que em meses de Agosto longínquos, se faziam umas funestíssimas 3 horas por cima do alcatrão que dava acesso às praias atafulhadas da Caparica, mas lá chegado só lhe vislumbrava a pele e pouco mais (permanecendo, porém, na volta à urbe, o salgado de boca).
Escarafunchando avante a memória esporádica, talvez chegue agora a Sesimbra, aos 6 anos de idade, numa visita a uns amigos de família, onde vi um deles entrar verdadeiramente no mar. Serviu-se de uma máscara de mergulho, fato, barbatanas, uma arma de caça submarina e outros equipamentos extraordinários. Lembro-me desse amigo (nunca mais conheci ninguém chamado Armindo) me ter deixado experimentar, nas águas frias daquele local, a tal máscara que tinha acoplada um tubo preto por onde eu conseguia respirar.
E lembro-me de estacar.
Como se os meus olhos fossem os pés de alguém a pousar na lua, imagino. Mas com peixes e pedras e algas e coisas marinhas à mistura, claro está. Junto-lhe talvez uma porção generosa de Cousteau na televisão, um raminho de National Geographic nas revistas que mensalmente me chegavam a casa (cortesia de um primo do Canadá) e uma pitada de um desconhecido ancião do meu sangue, que nos tempos muitos idos foi pescador (são como os loucos: mesmo que não se conheçam, certamente têm pouso na nossa genealogia) e tenho a provável origem da vontade de me chegar ao mar – pelo avesso e ao reverso.



Já a música foi um namoro lânguido e quente de berço que conheci na voz do meu pai, quando me cantava à noite, para me chamar o sono. Desde que me lembro (ou não) fui crescendo com canções, com as vozes, com as histórias que elas traziam. Umas vezes de um senhor José Afonso, outra vezes de um tal António Gedeão (parece que vinha de uma terra assombrada onde o tratavam por Rómulo), um José Mário, um Sérgio, um Ary.
Ouvir sons organizados em múltiplas combinações a fazerem a cama à palavra e juntos invadirem a privacidade do nosso corpo, dos sentidos, orientando-nos para diferentes rotas que sabe-se lá onde poderão desaguar, é como colocar uma máscara de mergulho na cara e imergir.
None
Este casal de referências ladeou-me a partir da minha infância.

* Texto escrito de acordo com a antiga ortografia

Por isso, não suscitou estranheza o meu ingresso no curso de Biologia Marinha e Pescas na Universidade do Algarve nem tão pouco foi esdrúxulo ter o primeiro colectivo musical (Ollam – onde maltratava insistentemente uma guitarra clássica e eventualmente cantava) nascido nesse mesmo lugar. Foi no decorrer desses anos, ainda no milénio passado, que pela mão de um colega e amigo "autóctone" encontrei o Faial, lugar que não conhecia, mas onde sempre tinha querido viver. Do conhecer à união de facto foi uma questão de oportunidade. Em 1997, cheguei à ilha que me esperava e de onde nunca mais saí (pelo menos por muito tempo). Passei dias consecutivos à tona ou debaixo de água, na maior parte das vezes porque o trabalho (um estágio no Departamento de Oceanografia e Pescas) o exigia e, na menor parte, porque tinha tempo livre. O mar nos Açores não se explica. Ou melhor, vai-se explicando à medida que amostramos, testamos, pescamos, recolhemos, contamos, visualizamos, analisamos, concluímos, erramos mas… não se explica bem, faço-me entender? É muito grande. Encerra coisas e vidas para além da mais prolífera imaginação. E esse facto torna o desafio permanente. Às vezes assustador, outras excitante.

Já o panorama local, no que à cultura e música em particular dizia respeito, não era (aparentemente) estimulante. Viviam-se tempos de ausência onde o mote desportivo–cultural (por esta ordem) imperava, dando-se muito pouca nota de qualquer manifestação criativa, fosse no teatro, na dança, nas artes plásticas, na música. Recordo-me de me ter apercebido, poucos dias antes do primeiro 25 de Abril, que iria viver na ilha, que não aconteceriam quaisquer comemorações da data e muito menos se ouviriam concertos (na altura, uma constatação insuportável para o jovem Miguel). Assim, nasceu o meu segundo projecto musical (Prozack), parido à pressa, por forças da circunstância (e da revolução, claro está), que poucos dias depois se estreava ao vivo no Bar do Clube Naval da Horta. Corremos o mesmo alinhamento duas vezes. Eram sete, as canções. Daí para cá, veio o futuro que hoje já conheço, repleto de novidades para ele e para ela (os membros do casal). No ofício, dediquei-me à pesca (no sentido literal) e à sua monitorização, gerindo uma equipa de competentes e intrépidos observadores que vivem temporariamente a bordo dos navios, recolhendo informação científica crucial sobre a actividade extractiva. Ou seja, produzimos farinha para que outros possam amassar e cozer o pão.

O restante tempo ocupei com dedicação ao movimento associativo, primeiro no teatro (Teatro de Giz) e depois na música (Música Vadia) tendo ajudado a, para além de outras podas, criar o Festival MUMA. Um festival que, à semelhança de outros, voltou este ano a sentir na cara os ares da maresia, depois de uma noite escura de repressão Covidesca. Nos entremeios disto tudo, e porque o mar daqui é um poço sem fundo de alimento que chama a si incautos navegadores, esbarrei o estibordo de mim num terceiro projecto musical – Os Bandarra. Foi uma apneia de amor, de partilha, criação de maré baixa e da profundidade que deu à costa dois álbuns e muitas dezenas de concertos pelos 9 bairros e periferias. Temos pensado juntos que seria bom voltar a vestir o fato de mergulho, calçar as barbatanas, ajustar o cacho de chumbos à cintura, colocar as máscaras e OPE!

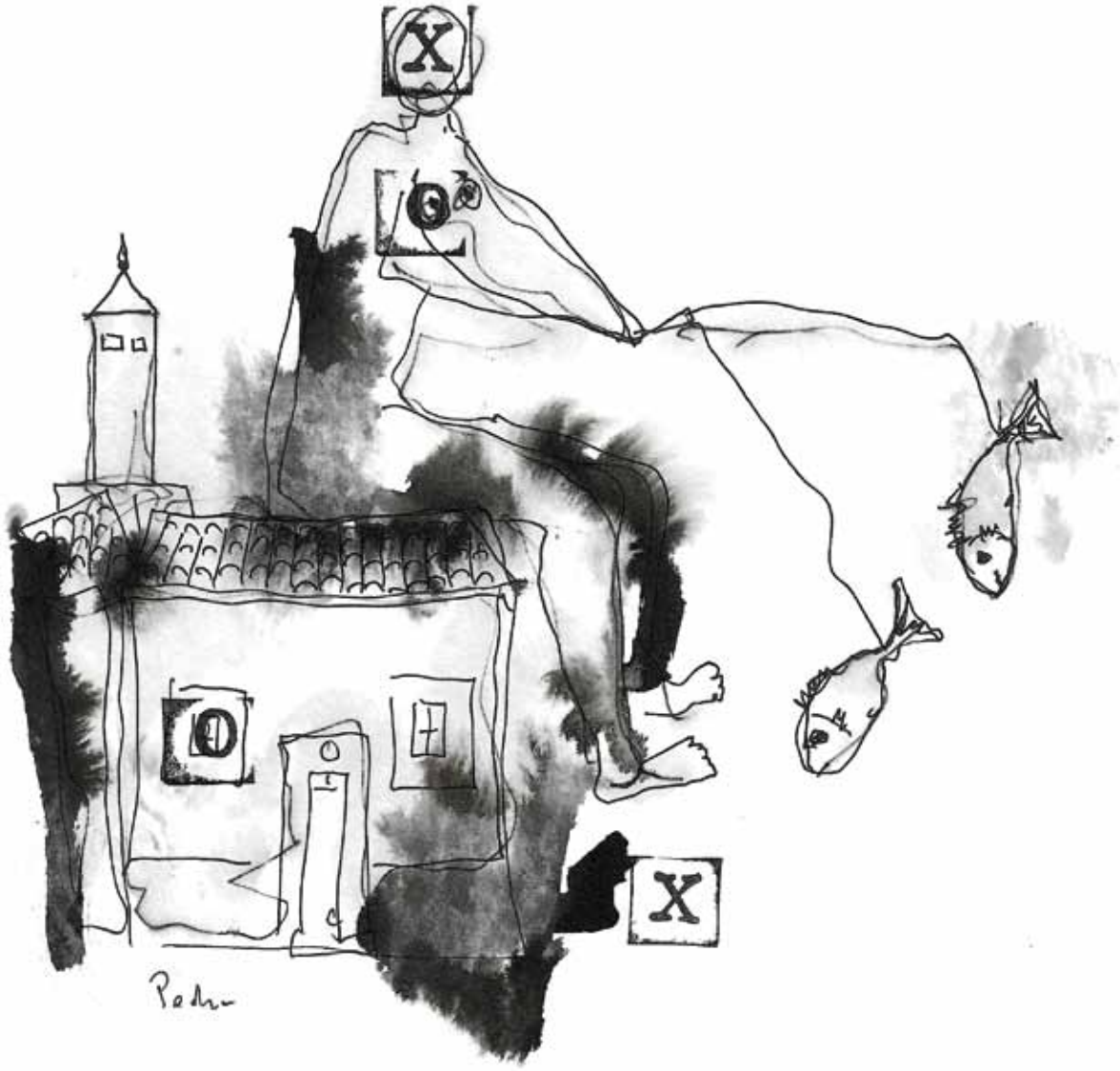
Estacarmos.

Só mais uma vez.

DA MÓ AOS POMARES

EMILIE BEFFARA

Pode significar acordar com o som dos pássaros e encantar os nossos olhos. Sempre perto do mar, os nossos primeiros passos levar-nos-ão até lá.
De Santa Cruz de Graciosa, pedale ou caminhe até à praia do Barro Vermelho, para o primeiro banho do dia.
No regresso deste revigorante passeio matinal, vamos passear na cidade, à beira-mar e na Calheta, num momento de paz inesquecível e indescritível. Tanto de manhã como à noite, este caminho feito de ruas, velhas casas coloridas e moinhos brancos, encanta todas as almas.
Chegue ao centro de Santa Cruz e sente-se num dos cafés para tomar algo e respirar.
Vamos fazer um piquenique em Trás dos Pomares, o ponto mais alto da ilha. Para isso, vamos à Praia comprar um queijo tipo ilha de Mó da Praia, uns pães caseiros, algumas frutas e outras especialidades locais.
Para recuperar do caminho, dê um mergulho no Carapacho e reserve uma mesa no restaurante "Estrela do Mar", onde o peixe frito e a vista encerram o dia maravilhosamente. ●



Mulher de tinta | PEDRO SOUSA

MARÉ DE SOL

ROBERTO MOURA

Um dia na ilha do Sol, para mim, terá de começar inegavelmente a vê-lo nascer no Atlântico, desde a Baía de São Lourenço – sítio de onde já o meu pai contava histórias dos anos 70/80 e do quão bonitas eram as manhãs ali, especialmente depois de uma noite de fogueiras na praia ainda antes da iluminação pública lá ter chegado.

Mergulhar, assim que sentirem o calor na cara, e depois desfrutar da paisagem da encosta desenhada com currais de vinha, com paragem obrigatória junto ao farolim, no miradouro de onde se avista o ilhéu do Romeiro e onde podem aproveitar para tomar o pequeno-almoço no parque de merendas ali existente.

Depois de São Lourenço, é seguir as placas até ao centro de Santo Espírito, adoçar a boca na Cooperativa de Artesanato (os biscoitos de orelha são os meus favoritos) e seguir depois caminho em direção à Maia – terra do farol mais bonito que conheço. Saltar para as águas cristalinas da Baixa do Coelho é um prazer que confesso que só há poucos anos realizei (marienses a ler isto – por favor não sejam como eu!)

No final da estrada da Maia, à esquerda, encontram uma das mais altas e bonitas cascatas do país com aproximadamente 100m de altura. Aqui podem parar e tirar da mochila o farnel para almoçar à beira da cascata (Ah, acho que não vos disse, mas esta aventura de um dia baseia-se num "hop-on, hop-off" muito rápido pelos pontos que vos menciono da ilha com comida na mochila).

Depois do almoço, é hora de seguir caminho (pela mesma e única estrada de acesso à Baía da Maia) com um desvio em direção à Praia Formosa via Panasco (Costa Sul), onde aconselho [se a estrada estiver em condições] seguir de carro ou de mota pelo acesso da Calçada do Gigante: no final da estrada de acesso é só uma pequena caminhada de cinco minutos até a um dos marcos geológicos mais bonitos da ilha, onde se pode fazer rapel, slide e até canyoning no inverno. Aqui, poderiam continuar por um fantástico trilho até ao Forte de São Brás, em Vila do Porto – mas para quem se aventurar neste roteiro de um dia, terá que agendar isto para uma maior estada na ilha.

Cascata do Aveiro, Lugar da Maia

De volta à estrada regional, podem seguir caminho até à Praia Formosa – aqui, tal como em São Lourenço, há mais do que uma praia de areia branca com o mar à temperatura perfeita, e até com um barco afundado a poucos metros do areal. É também a baía do mais antigo festival de música em continuidade no país – a Maré de Agosto. Mas o maior segredo e que nunca vos

Baía dos Anjos

Trajeto entre Almagreira e São Pedro, vislumbrando o Pico Alto à direita

devia contar é que a melhor praia desta zona é na verdade de acesso por um (ou mais) trilhos. Ups... mas não faz mal, deixo-vos preparar essa caminhada numa próxima visita.
Seguindo viagem, sempre a passo acelerado, é claro – é hora de cortar caminho pelo centro de Almagreira até São Pedro – onde encontrarão a Estrada dos Piquinhos. Aqui, podem ir em direção à estrada do Paúl e ver do vosso lado direito uma prova de que nós aqui temos a cabeça na lua... e no mar... e em tantas outras descobertas científicas. A Raege é uma estação geodésica e espacial instalada há alguns anos na ilha.
Seguindo pela estrada do Paúl, vamos em direção ao Barreiro da Faneca. É o deserto vermelho mais conhecido dos Açores. Em tempos já foi mais deserto – hoje a vegetação toma naturalmente conta de uma parte do terreno, mas podem-se sentir marcianos por uns minutos. No Barreiro da Faneca podem fazer uma caminhada de cerca de 40 minutos (ida e volta a passo acelerado) até ao mar, na zona do "Pinheiro" – de onde se avista o ilhéu das Lagoinhas e a Baia da Cré.
Quando regressarem à estrada regional pelo mesmo caminho vão encontrar também (se vos passou despercebido) o grande polo da Edisoft, onde para quem é curioso da ciência e tecnologia poderão ver infraestruturas ligadas à ESA, IPMA e outras áreas.
Pela estrada regional marquem o vosso destino para a Baía dos Anjos. Uma bonita estrada de curvas e contracurvas com vistas dos campos secos na maior parte do ano, pois esta é a parte mais árida da ilha. Ao chegar lá baixo encontram uma estátua de Cristóvão Colombo e podem descobrir mais sobre isto e muitas lendas que se contam desta terra. Aqui, é também onde anualmente se realiza um festival de Blues que está já nos circuitos mundiais do género.
Ao pararem junto ao parque infantil, aconselho uma pequena caminhada depois do cais até à Furna de Santana – uma gruta que encontram à vossa esquerda, a cerca de 200m de onde os carros conseguem ir – mas não se demorem! O sol está quase a pôr-se e aqui é um dos sítios mais bonitos para vislumbrar o final do dia.
Trajeto entre Almagreira e São Pedro, vislumbrando o Pico Alto à direita
Se o vosso regresso deste hipotético dia, que começou de madrugada, se faz de avião, mesmo que a luz do dia já seja pouca, façam uma passagem pela zona do Aeroporto. O Aeroporto tem uma História fascinante que a Associação LPAZ transformou num roteiro que eu nunca poderia aconselhar nesta pequena viagem de um dia que esbocei aqui, mas que aconselho vivamente.
Com uma pequena, mas intensa passagem dos militares americanos que deixaram marcas culturais, sociais e físicas nesta ilha; com um aeroporto que já foi "palco" de escalas regulares do Concorde e de tantas outras ligações aéreas transatlânticas, deixo-vos seguir viagem, mas só com uma promessa: a de voltarem! Santa Maria tem muito para oferecer e é uma ilha que, apesar de ser a única dos Açores que não tem atividade vulcânica ativa, é sempre calorosa para receber quem quer conhecer as nossas tradições, as nossas gentes, as nossas paisagens únicas e as mil e uma histórias que temos e sempre teremos para contar. ●

A LIÇÃO GEOPOLÍTICA DO PETER'S

TOMÉ RIBEIRO GOMES

© Mateus Ribeiro Gomes

Quando ouvimos o termo "geopolítica", pensamos imediatamente nas grandes questões do dia da política internacional. Pensamos em problemas como a rivalidade entre os Estados Unidos e a China, as bravatas militares da Rússia no Leste da Europa, ou as lutas pelo controlo de recursos naturais no Médio Oriente e em África. Vistas dos Açores, todas estas questões nos parecem distantes. Essa percepção reforça a dúvida que se instalou ao longo da última década sobre o papel dos Açores no mundo. Depois de um século XX em que as ilhas figuraram no grande xadrez da política mundial, depois do *downsizing* norte-americano da Base das Lajes e à medida que o Pacífico ganha peso como o oceano de todas as decisões, qual o significado geopolítico dos Açores hoje? O Peter's Café Sport deu-nos recentemente uma preciosa ajuda à reflexão sobre este tema.

Em Maio de 2020, no início desta longa pandemia e sob as mais estritas medidas de confinamento, centenas de veleiros encontraram-se presos do outro lado do Atlântico, impedidos de desembarcar nos Estados Unidos ou em países da América Central. Muitos escolheram fazer a travessia transatlântica de regresso às suas casas na Europa. Devido à pandemia, faltavam-lhes meios e tripulação profissional, mas o relógio pressionava: em breve começaria a época dos furacões no Oceano Atlântico, algo perigoso para estas pequenas embarcações, algumas delas tripuladas por famílias inteiras, crianças incluídas.

* Texto escrito de acordo com a antiga ortografia

E é aqui que o famoso Peter's Café Sport entra nesta história. O arquipélago, e particularmente a marina da Horta, no Faial, ofereceu a esperança de uma escala atlântica para quem contemplava ansiosamente esta travessia na sua pequena embarcação. Para o jornal *The Guardian*, os Açores revelaram-se "um farol de luz no Atlântico durante esta crise." (Susan Smillie, "Long journey home: the stranded sailboats in a race to beat the hurricanes", *The Guardian*, 12 de Maio de 2020).

Num momento em que ainda temíamos ser infectados com o SARS-CoV-2 através das compras que trazíamos do supermercado, a decisão de acolher estas pessoas na marina da Horta não deve ter sido fácil para as autoridades. É admirável pela coragem, pela solidariedade, e pelos resultados. Muitos velejadores no Pacífico não tiveram a mesma sorte, tendo-lhes sido recusado o acesso a múltiplos portos (Phil Taylor e Charlotte Graham-McLay, "Hundreds of sailors fear being stranded for Pacific storm season amid Covid border closures" *The Guardian*, 7 de Setembro de 2020).

Os tripulantes não puderam desembarcar, mas com autorização do Capitão do Porto e apoio do Clube Naval da Horta, o Peter's organizou um sistema de abastecimento e apoio às embarcações ancoradas na marina da Horta. Os navegadores contactavam o Peter's por rádio, telemóvel ou e-mail, enviavam os seus pedidos, e o pessoal do Peter's ia ao supermercado, vestia-se a rigor (fatos de macaco, além da máscara) e ia entregar as compras aos barcos com um semirrígido. Providenciaram assim água, comida, medicamentos e combustível, assim como reparações. Chegaram a apoiar assim 80 ou 90 embarcações por dia (Sara Sousa Oliveira, "La résistance" açoriana ajudou centenas de navegadores proibidos de desembarcar", *Expresso*, 7 de Dezembro de 2020).

Álvaro Monjardino, em duas conferências publicadas em 1982 no Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira ("A Região Autónoma dos Açores nas Suas Implicações Internacionais", *Boletim*, Vol. XL) distingue entre as funções estratégicas que colocam a região numa postura de passividade, e aquelas que resultam de uma postura de actividade. A localização das ilhas no Oceano Atlântico é um acidente geográfico, e como tal é um elemento da importância estratégica dos Açores em que a região tem um papel passivo.

O que podemos fazer por nossa iniciativa é aproveitar melhor ou pior esta localização. Habituados a olhar para a realidade internacional como consistindo apenas nas grandes questões dos noticiários, nem sempre nos apercebemos dos factos mundanos que possibilitam o dia-a-dia deste mundo globalizado. Alguns destes factos só se tornam visíveis quando acontece um evento improvável. Exemplo: um gigante porta-contentores entope o Canal do Suez, lembrando ao mundo a importância desta via de passagem para o comércio global e para a nossa dependência do transporte marítimo, que representa cerca de 90% de todo o comércio de bens.

Esta pandemia que hoje vivemos é outro exemplo de uma calamidade reveladora. Entre as muitas lições a retirar está este detalhe sobre a centralidade dos Açores. Por muito que a tecnologia evolua, e com ela a travessia do Atlântico se torne facilitada, há ainda uma rede de portos que servem uma comunidade de veleiros. E nela os Açores ocupam um ponto nevrálgico no Oceano Atlântico. Podemos extrapolar para questões de segurança. Imagine-se a importância que os Açores não terão na vigilância, na fiscalização e no socorro nas extensas águas da Zona Económica Exclusiva, atravessadas que são diariamente por navios mercantes e de recreio, mas também por navios fora da lei, como aqueles envolvidos no tráfico ou na pesca ilegal.

Estas funções de segurança marítima não são uma novidade para a Região Autónoma dos Açores mas, dada a nossa fixação em acontecimentos mais mediáticos, elas podem passar despercebidas. E assim perdem valor, porque as histórias que contamos a nós próprios têm uma importância fundamental na definição do nosso papel no mundo. A pequenez auto-imposta torna provável que nos deixemos novamente controlar pelas características passivas da nossa geografia. Entre outros, temos um exemplo na 1.ª Guerra Mundial, quando em 1917 a negligência na defesa das ilhas expôs Ponta Delgada a um ataque por um submarino alemão, com vítimas mortais, a que só um navio norte-americano conseguiu pôr fim.

Nesta difícil tarefa de alavancar o nosso potencial geográfico e torná-lo num activo que funcione em nosso benefício, temos uma lição a aprender com o Peter's. É que não se limitaram a dar o apoio e a criar largas dezenas de novos embaixadores dos Açores (até houve um casamento de navegadores na marina,

com braçadeiras a servir de alianças, conta o *Expresso*). Habituado a projectar a marca em contexto internacional, o Peter's transformou o seu papel fulcral para estes velejadores num momento histórico da empresa, que já é muito mais que um bar com uma vista agradável.
O movimento que apelidaram de "la résistance" recebeu um símbolo (um barrete azul, vermelho, branco e amarelo) e uma página de internet dedicada à partilha de histórias e fotografias dos marinheiros que apoiaram. Não fosse o Peter's uma empresa, e chamar-se-ia a isto projecção de *soft power*, em linguagem de política internacional. Este é o poder suave, por oposição ao poder duro das armas ou do dinheiro; é o poder que as nações ganham e exercem através da sua influência enquanto exemplo a seguir numa determinada matéria.
A relevância geopolítica dos Açores continua a passar pelo lugar ocupado pela região no mosaico global. Há funções militares e científicas para as quais os Açores continuam a ser relevantes. Provas disso são a permanência da Base das Lajes, os novos *Atlantic Centre for Defence Capacity Building* e *AIR Centre*, assim como todo o trabalho que tem sido feito para colocar as ilhas no mapa das infraestruturas do espaço.
Além de tudo isto, também devíamos reconhecer a nossa importância para questões menos espetaculares, mas essenciais para que o mundo continue a girar, seja a protecção ambiental dos nossos mares e dos nossos recursos terrestres, seja a nossa vocação para receber e apoiar a comunidade náutica do mundo. O passo seguinte é saber contar essa história ao mundo, transformando questões como a protecção ambiental, a segurança marítima, e o nosso talento para bem-receber em factores de *soft power*. Como tão bem soube fazer o Peter's.

Canal | PAULO MARTINS **#CADERNETA DE NUVENS**

MetamorPHosis | PHILLIPA CARDOSO